

**ARQUEOLOGIA
DO
RIO GRANDE DO SUL, BRASIL**

DOCUMENTOS 07

1997

Instituto Anchietano de Pesquisas – UNISINOS
São Leopoldo, RS, Brasil

Editor Responsável: Pedro Ignácio Schmitz

Digitalização a partir dos originais.
Responsável: Marcus Vinícius Beber.

PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS EM SANTA VITÓRIA DO PALMAR, RS

Pedro Ignacio Schmitz
Maribel Girelli
André Osorio Rosa

SUMÁRIO

Abstract	5
Resumo	5
Área, ambiente, ocupação	6
Os sítios arqueológicos	12
Os sítios e as atividades neles realizadas.....	18
Sítio RS-158.....	18
RS-159.....	22
RS-177.....	25
RS-160.....	30
RS-161.....	30
RS-162.....	31
RS-163 A, B.....	33
RS-164.....	36
RS-165.....	36
RS-166.....	36
RS-167 A, B.....	38
RS-168 A, B.....	38
RS-169.....	40
RS-170 A	40

RS-170 B	48
RS-171.....	50
RS-172 A, B.....	50
RS-173.....	52
RS-174 A, B.....	52
RS-175 A, B.....	54
RS-176.....	54
RS-178.....	56
RS-179.....	56
RS-180.....	56
RS-181.....	59
RS-182 A, B.....	59
RS-183.....	61
RS-184 A, B.....	63
RS-185 A, B, C	63
RS-186.....	66
RS-187.....	66
RS-188.....	66
RS-189 A, B.....	67
RS-190.....	69
O material cerâmico	69
O material lítico.....	73
O estudo da alimentação	85
Bibliografia citada	94

PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS EM SANTA VITÓRIA DO PALMAR, RS

Pedro Ignácio Schmitz*
Maribel Girelli*
André Osorio Rosa*

ABSTRACT

In the present volume we present the results of prospections made in the Brazilian município Santa Vitória do Palmar, RS, during 1967-1972. In the opportunity we visited 42 archaeological sites composed of more than 150 earth mounds. In the sites we recognized a preceramic phase named Chuí and a ceramic phase named Cerritos. The mounds are part of an archaeological area that covers part of the Brazilian state of Rio Grande do Sul and the northern part of Uruguay. It begins more than 5.000 years B.P and ends with the European conquest of the territory.

RESUMO

Neste volume se reúne o resultado das prospecções realizadas no município de Santa Vitória do Palmar, RS, entre os anos de 1967 e 1972. Na oportunidade foram visitados 42 sítios arqueológica a céu aberto, a quase totalidade composta por cerritos ou aterros, cujo total ultrapassa 150 unidades. Neles está representado um primeiro período de populações caçadoras pré-cerâmicas, seguido de um período com cerâmica. O conjunto de sítios de Santa Vitória do Palmar faz parte de área arqueológica maior, que ocupa o sul do estado brasileiro do Rio Grande do Sul e ao menos a parte norte da República Oriental do Uruguay, cujo início remonta à segunda metade do quarto milênio a.C. e cujo fim deve ser posterior à chegada do Homem europeu.

* Instituto Anchietao de Pesquisas/UNISINOS.

Schmitz e Rosa bolsistas do CNPq. Girelli bolsista da FAPERGS. Participaram ainda do projeto: Itala Irene Basile Becker, Guilherme Naue, Fernando La Salvia.

AREA, AMBIENTE, OCUPAÇÃO

O local das pesquisas deste trabalho situa-se na Planície Costeira do Rio Grande do Sul, mais especificamente em sua parte meridional, entre as lagoas Mirim e Mangueira, latitude aproximada entre 32°30' e 33°42' sul e longitude aproximada entre 52°30' e 53°30' oeste de Greenwich.

A Planície Costeira do Rio Grande do Sul é caracterizada por sedimentos quaternários e recentes. Ela cobre uma área de aproximadamente 47.000 km². Quase a metade desta superfície está coberta pelo sistema lagunar. Os limites são o oceano Atlântico e uma faixa arqueada de elevações, formada, em sua maior parte, por rochas pré-cambrianas e também pelos derrames basálticos.

Embora litologicamente a costa riograndense se apresente quase homogênea devido ao domínio de areias quartzosas, geomorfologicamente é bastante heterogênea, pois, além do mar, outros agentes morfológicos, como o vento, cursos de água e lagoas atuaram concomitantemente, imprimindo-lhe feições deposicionais próprias a cada um deles.

A vasta planície arenosa resulta das extensas e numerosas restingas que isolam o mar das lagoas dos Patos, Mirim, Mangueira e outras, e relacionam-se com as flutuações do nível relativo do mar durante o Quaternário e também com o clima e taxa de fornecimento de material oriundo do interior do continente.

A linha de costa migra em direção ao mar pela contínua adição de material arenoso carreado pela ação marinha.

As praias, litologicamente, se constituem de areias finas bem classificadas, de cor branca, apresentando os estratos um leve mergulho em direção ao mar. As areias pleistocênicas e holocênicas podem ser distinguidas por uma série de fatores, possuindo as primeiras cor mais escura devido à presença de óxido de ferro, maior grau de consolidação e situação topográfica em cotas mais elevadas; as holocênicas apresentam grande quantidade de minerais pesados.

Grandes glaciações marcaram o período Quaternário. Quando as calotas glaciais se formaram nos continentes, o nível do mar baixou; ao contrário, quando o gelo dessas calotas derreteu, o nível do mar subiu, recuperando os espaços perdidos e invadindo o continente.

Quatro glaciações e seus correspondentes interglaciais marcaram o período pleistocênico na área; oscilações menores, ocorridas no Holoceno, também deixaram suas marcas.

Para ilustrar o que teria acontecido, na área de pesquisa, durante este período, usamos as ilustrações produzidas por Enio Soliani (1973), em sua dissertação de Mestrado (Figura 01 e 02).

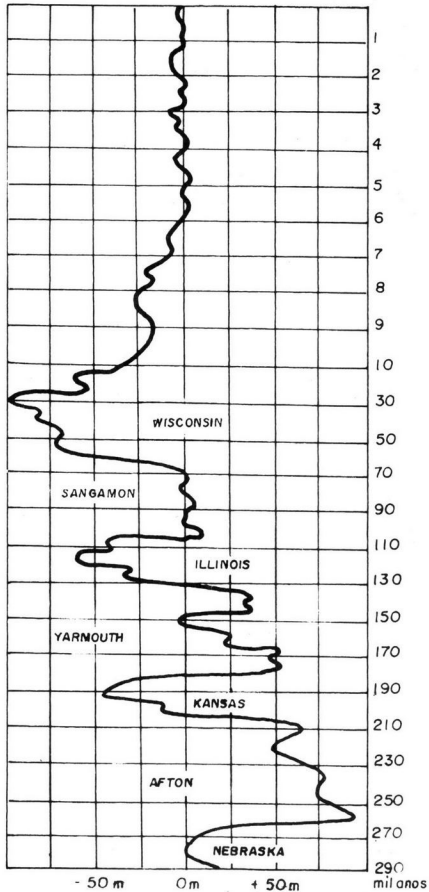


FIGURA 01 – Relação entre os fenômenos observados na parte meridional da Província Costeira do Rio Grande do Sul e as flutuações do mar durante o Pleistoceno e Holoceno, segundo Fairbridge (1961) (Em Soliani, 1973).

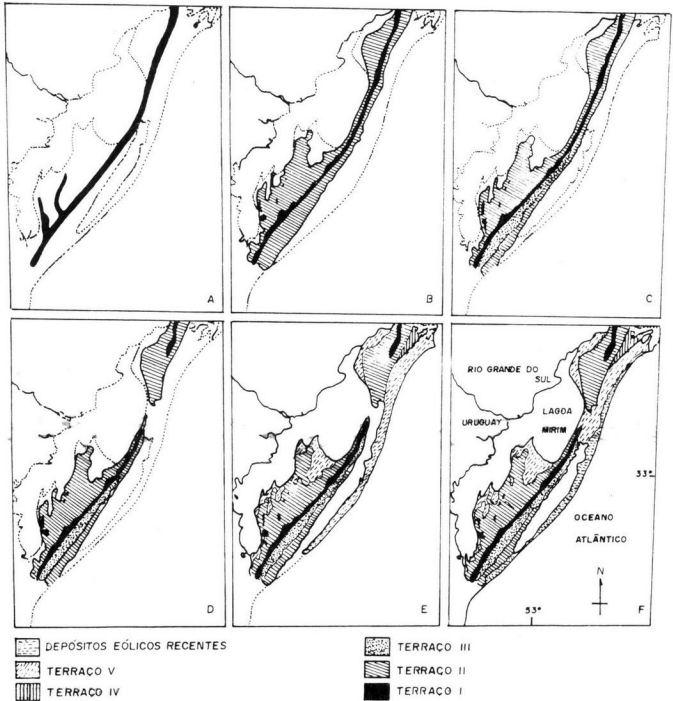


FIGURA 02 – Evolução morfológica esquemática da região sul da planície costeira mostrando as várias configurações assumidas pela área durante as oscilações eustáticas do Pleistoceno e Holoceno: A – Após a Submersão de Afton, B – Após a Submersão Yarmouth, C – Após a Submersão Sangamon, D – Idem ao item anterior, E – Após a Submersão Older Perron, F – Configuração atual da região (Segundo Soliani, 1973).

A primeira ilustração mostra as oscilações do nível do mar estabelecidas por Fairbridge, onde se destacam as transgressões de Afton, Vermouth e Sangamon e as pequenas oscilações posteriores do nível do mar.

A segunda mostra as configurações assumidas pela área durante as oscilações eustáticas durante este período: o terraço I, que apareceu após a Submergência de Afton, forma hoje o espigão sobre o qual corre a BR-471; o terraço II, após a Submergência Yarmouth, forma os terrenos planos que constituem a maior parte dos campos do município em ambos os lados do espigão; o terraço III, depois da Submergência Sangamon, se deposita contra o espigão do terraço I, para o lado do Oceano, mas em nível inferior ao mesmo; o terraço IV teve presença muito pequena na parte norte da área; o terraço V acrescentou sedimentos importantes no que é agora a lagoa Mirim e junto ao litoral atlântico, dando uma primeira configuração do que será a lagoa Mangueira. Em tempos ainda mais recentes a lagoa Mirim perdeu a sua ligação com a Mangueira e esta com o Oceano. E se formou o campo de dunas junto às praias. Mesmo que tenha havido correções na curva de Fairbridge e novos estudos no litoral do Rio Grande do Sul, os quadros acima oferecem um esboço adequado para nossos objetivos.

A paisagem do município é marcada por duas grandes lagoas: a Mirim, que desagua na lagoa dos Patos através do canal de São Gonçalo e a lagoa Mangueira, que não tem um desaguedouro fixo no Oceano. Tanto uma como a outra têm margens baixas e pantanosas em grandes extensões. Potentes banhados formaram-se ainda entre o espigão central e terrenos com pequena elevação junto à lagoa Mangueira, banhados que escoam seu excesso de água para o sul pelo arroio Chuí, que desemboca no Oceano e para o norte pelo arroio do Pastoreio, que desemboca na lagoa Mangueira. Do mesmo jeito entre o espigão central e terrenos um pouco mais elevados junto à lagoa Mirim. Eles escoam para o norte pelo arroio Del Rei e seu afluente do Eixo. No norte do município ainda existe o grande banhado do Taim, pelo qual a lagoa Mirim, antes, descarregava seu excesso de água nas grandes subidas.

A altitude dos terrenos do município é muito baixa. Uma parte do espigão central, especialmente no espaço onde se encontra a sede do município, está na cota de 20 m. O resto do terreno está abaixo dessa cota e grandes espaços não sobressaem do nível médio do mar mais que uns poucos metros. Com isto facilmente se explica porque, no período das chuvas invernaes, grandes áreas fiquem debaixo da água. A retificação do arroio Chuí tornou suas margens menos alagadas, mas o arroio del Rei se perde num imenso banhado. Se os arroios Chuí-Pastoreio e Eixo-Del Rei drenam a maior parte do terreno, há outros pequenos arroios que correm diretamente para a lagoa Mangueira ou a Mirim.

Junto à praia há um grande campo de dunas.

A vegetação responde a esta paisagem: capim santa-fé, juncos, ciperáceas e plantas flutuantes marcam as áreas pantanosas; gramíneas cobrem os terrenos não permanentemente encharcados; galerias de sarandis acompanhavam os arroios; mata nativa só existe em barrancas altas da lagoa Mirim; nos

terrenos mais elevados, onde foi estabelecida a cidade de Santa Vitória do Palmar, existe um palmar de butiá de 20 km de extensão e exemplares isolados, ou em formações menores, podem ser encontrados em outras áreas arenosas e secas.

Os animais nativos desses ambientes podem ser numerosos, mas provavelmente não representavam muitas espécies. Nos campos, veados-campeiros, tatus e preás, aves de diversos tamanhos, como perdizes e emas; nos banhados: capivaras, cervos-do-pantanal, ratões do banhado, lontras, jacarés, aves como a tahã, os colheiros, as garças, marrecas, marrecões, frangos da água, saracuras, tartarugas e peixes de água-doce.

Santa Vitória do Palmar pertence aos campos meridionais do Rio Grande do Sul, área de clima subtropical com verões quentes, característico das regiões de baixa altitude da região sul, sendo o inverno bastante frio e possuindo pelo menos um mês com temperatura média inferior a 15°C. A zona do litoral apresenta média anual de 17,5°C. Dada a extensão dos campos, muitas são as nuances locais do clima regional e o local estudado apresenta uma dessas variações: é mais frio que muitos outros. Quanto às condições pluviométricas, esta região apresenta um índice inferior ao resto da sub-região, tendo uma média anual em torno de 1.300 mm. As chuvas distribuem-se durante o ano, sendo o inverno, porém, a estação mais chuvosa.

O regime de ventos está ligado às altas pressões subtropical e polar, ou seja, ao anticiclone semifixo do Atlântico Sul e ao anticiclone Polar.

Se no período quente do ano o clima é agradável e os campos estão secos, no período frio os ventos do sul e as enchentes que decrescem lentamente tornam a região menos aproveitável.

O relevo e as estações devem ter marcado o ritmo das populações que, nos últimos dois a três milênios se sucederam na área.

Uma secção pelo terreno serve para visualizar melhor a paisagem e sua utilização. Para isso usamos um perfil na altura dos campos da fazenda Bota-Fogo e um espaço junto ao arroio dos Provedores.

A fazenda Bota-Fogo, 12 km ao norte da cidade de Santa Vitória do Palmar, começa no espigão sobre o qual corre a BR-471. Em direção leste ela apresenta três desníveis bem marcados: a lombada em que se encontra a rodovia, um declive de vários metros onde se encontram as casas da fazenda e um terreno baixo e alagadiço que se estende ao redor do banhado dos Canelões. No declive da proximidade das casas encontram-se os primeiros sítios arqueológicos, uns 3 m acima do banhado (RS-159); dentro da área baixa, na borda do banhado, existem novos sítios (RS-177); entre o primeiro canal e o verdadeiro banhado dos Canelões, há novamente terrenos mais elevados, lombadas ou dunas, que também foram ocupadas e que podem aparecer como ilhas (RS-160). O banhado como tal, depois das ilhas, ocupava extensões grandes, que davam novamente em terrenos mais altos, onde corre outra estrada, a de Geribatu; seguem novos banhados, a lagoa Mangureira e o campo de dunas junto à praia do mar.

O banhado dos Canelões é a nascente tanto do arroio Chuí, como do Pastoreio.

Sua vegetação é formada por juncos, ciperáceas, palha santa-fé e nas águas abertas boiam os agua-pés. Em lugares úmidos dos campos vizinhos cresce uma bromeliácea espinhenta, uma praga nos campos de pastagem; os lugares normalmente fora da água são cobertos por capins que formam pastos finos; nos lugares a salvo das enchentes há pequenos arbustos e palmáceas, isoladas ou frouxamente agrupadas.

Como as áreas são planas, com pouca chuva se alagam e como o solo é impermeável as águas demoram para escoar.

Paisagem semelhante ocorre junto ao arroio Del Rei.

Nos barrancos altos junto à lagoa Mirim e ao arroio dos Provedores existe vegetação arbórea natural, de porte médio, constante de coronilha, figueira do mato, aroeira e outras espécies. Na proximidade da lagoa a franja de mato é mais compacta, ficando mais aberta à medida que se afasta, para reduzir-se, no fim, a meros tufos espalhados pelos campos. Na proteção das árvores crescem densos gravatás. A margem do arroio, entre o barranco e a lagoa, numa extensão de várias centenas de metros nos períodos de águas baixas, é acompanhada por uma galeria de salgueiros, tanto mais densa quanto mais perto da água. Nesta parte o arroio é bastante fundo; no interior do campo é raso e estreito, uns 30 cm de profundidade média por 2 metros de largura de água, dentro de um leito de uns 5 m de largura. Esta calha está separada de um primeiro patamar por um degrau de uns 70 cm e de um segundo de uns 170 cm na altura do sítio RS-170 A. No tempo da enchente as águas ultrapassam mesmo este segundo degrau, cercando os cerritos que se encontram sobre ele. No verão o arroio quase não flui e tem as águas cobertas por agua-pés.

Os campos são úmidos, cheios de áreas com águas paradas e sangas de modo a manter os pastos sempre verdes. Ao tempo dos índios estas áreas deveriam ter uma vegetação herbácea e talvez arbustiva mais alta, favorável a determinados tipos de animais, como emas, veados, tatus, preás, perdizes e aves ligadas à água.

Na lagoa deveria haver os mesmos peixes que hoje, que são basicamente de água-doce. Durante uma visita ao local tivemos oportunidade de observar os peixes de um barco de pescadores; predominavam traíras grandes (de um a dois quilos); havia, em menor quantidade, bagres, jundiás, corvinas, peixe-rei, viola, tãpicu. No arroio existem moluscos grandes, cujas conchas vazias apareciam nas margens.

OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

O local das pesquisas deste trabalho situa-se entre as lagoas Mirim e Mangueira (Ver mapas 1 e 2). A área pesquisada compreende uma extensão de aproximadamente 2.000 km². Nela foram visitados 42 sítios arqueológicos compostos por cerritos e de 6 do mesmo tipo foram recebidas informações, mas não foram visitados. Foram visitados ainda 5 sítios diferentes, geralmente depósitos sobre dunas.

Os sítios se distribuem ao longo do arroio Chuí (25), do arroio Del Rei (12), do arroio do Pastoreio (5), do arroio Provedores (2), da lagoa Mangueira (3). Sítios tipo dunas são encontrados às margens da lagoa Mirim (2) e da costa do Oceano (3).

Os sítios arqueológicos de cerritos se apresentam em forma de pequenos cômoros, parcialmente acumulados pela mão humana com a finalidade de tornar estes locais mais elevados e protegidos das enchentes, parcialmente crescidos pela deposição natural de detritos de habitação (Schmitz & Baeza, 1982).

Por se destacarem no terreno, estes sítios são regionalmente chamados de *cerritos*. Costumam apresentar cobertura vegetal distinta do terreno ao redor, com grama mais verde e viçosa e plantas típicas de terrenos perturbados, como cardos, carrapichos e semelhantes. O solo é menos compacto e mais fértil que o solo arenoso circundante, apresenta grande quantidade de matéria orgânica em decomposição, sendo por isso preferido para cultivo de plantas como milho, abóboras, batata-doce e outras, de consumo direto pelas famílias dos moradores.

Em períodos de chuvas prolongadas, especialmente no inverno, são os únicos pontos que sobressaem das águas nas áreas mais baixas, servindo como abrigo para o gado das fazendas da região.

Os cerritos apresentam forma aproximadamente circular, medindo entre 20 e 80 m de diâmetro, com alturas que variam entre 0,20 e 3,36 m. Encontram-se geralmente em agrupamentos, de 2 a 8 elevações, mas também podem aparecer isolados. O número total de cerritos da região supera os 150.

No verão, dependendo da intensidade das chuvas, a distância dos cerritos à água pode ser de poucos metros, mas pode chegar a meio quilômetro. Nas enchentes de inverno as águas podem cercá-los completamente, mas geralmente não os cobrem.

Na composição litológica predominam as areias, sendo menor a proporção de silte e argila. A coloração é predominantemente escura devido à grande quantidade de matéria orgânica vegetal e animal.

O perfil de um cerrito, de maneira geral, apresenta na porção superior uma camada de grama e raízes, seguida de uma camada superior de sedimentos bastante escuros e compactos; esta se torna mais clara e menos compacta com a profundidade, podendo aparecer seixos em decomposição. A camada base de todos os cerritos, bastante mais compacta, é de composição predominante-

mente arenosa e coloração clara, sendo esta a camada superior dos campos circundantes, sobre os quais se assentam os sítios.

Estes cerritos estão localizados sobre terraços pleistocênicos e alguns sobre terraços holocênicos.

Pode-se chegar à região através da BR-471, estrada de pavimentação asfáltica, que se estende ao longo da lagoa Mangueira até a cidade de Chuí. As estradas secundárias são na maioria não pavimentadas e sujeitas e inundações, ficando intransitáveis em períodos chuvosos.

A economia predominante do município é a criação de gado em fazendas de tamanho médio e a plantação de arroz irrigado. Para ambas as atividades os terrenos baixos com lagoas, pequenos arroios e banhados se prestam muito bem. A população está mais concentrada na cidade de Santa Vitória do Palmar, sede do município e mais dispersa nas sedes das arrozeiras e nos cascos das estâncias.

Os sítios arqueológicos costumam estar preservados nas fazendas de criação porque são úteis como abrigo do gado; sobre eles, às vezes, se fazem plantações ou mesmo construções. Eles estão perigosamente ameaçados nas granjas de arroz, onde, muitas vezes, são nivelados junto com o resto do terreno ou usados para construção de taipas.

As primeiras pesquisas arqueológicas foram efetuadas na região no período de 20 de janeiro a 01 de fevereiro de 1967 por Pedro Ignácio Schmitz, Itala Irene Basile Becker, Fernando La Sálvia e Guilherme Naue. Esta primeira visita havia sido preparada, durante meio ano, pelo proprietário da Farmácia Carmen, Sr. Emídio P. Martino, que, através da rádio local e de contatos pessoais, havia conseguido informações dos diversos fazendeiros e autorizações para realizar as pesquisas em todas as propriedades. Nesta temporada os sítios foram visitados e documentados e sondagens foram realizadas em alguns deles.

No período de 18 a 29 de janeiro de 1971 nova pesquisa foi realizada por Pedro Ignácio Schmitz, Itala Irene Basile Becker e Guilherme Naue. Nesta oportunidade foram realizados cortes estratigráficos, especialmente em sítios das margens do arroio Chuí próximos da cidade de Santa Vitória do Palmar. O trabalho de campo foi interrompido pela entrada de uma longa temporada de chuvas de verão. Na impossibilidade de ir para o campo foram analisadas as ricas coleções do Sr. Emídio P. Martino e dos Irmãos Mário e Sara Donato e quando este serviço foi concluído e a chuva continuava, a expedição teve de ser interrompida.

Entre 17 e 29 de janeiro de 1972 Pedro Ignácio Schmitz, Itala Irene Basile Becker e Guilherme Naue (este por 5 dias) estiveram novamente no local, realizando cortes estratigráficos especialmente na região de Provedores, mas também sobre o arroio Chuí. Novamente a chuva interrompeu o trabalho.

Em fins de setembro de 1972 e em dezembro de 1974 Pedro Ignácio Schmitz voltou ao local com o objetivo de observar o nível das águas em períodos de cheia, visitas que foram muito importantes para avaliar as mudanças estacionais no ambiente da região.

Ao deixar o campo em 1972, a proposta era voltar no ano seguinte, mas neste ano a equipe assumiu um trabalho de duas décadas no centro do Brasil (Goiás, Tocantins, Bahia e Mato Grosso do Sul) e não teve oportunidade de voltar a Santa Vitória do Palmar.

O trabalho de campo foi financiado pela Prefeitura de Santa Vitória do Palmar e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Toda esta pesquisa ainda pertence ao início da pesquisa arqueológica no Brasil. O objetivo geral da equipe era fazer uma primeira prospecção dos sítios arqueológicos do Rio Grande do Sul, sendo a área dos cerritos de Santa Vitória uma entre diversas outras, pesquisadas simultaneamente, como Rio Grande, Camaquã, Jaguarão, Dom Pedrito (Schmitz, 1967 e 1976). O programa, do qual Santa Vitória do Palmar era um projeto, compreendia pesquisas semelhantes no sudoeste, no planalto, na depressão central e no litoral setentrional do Estado.

Os métodos usados foram definidos de acordo com estes objetivos e as pesquisas deveriam desenvolver-se em estágios, de conhecimento geral da área, de levantamento sistemático dos sítios, de prospecção dos mesmos para sua avaliação interna e, finalmente, de escavação de alguns para o estudo de suas estruturas. Os estágios previstos não puderam ser totalmente cumpridos: houve um primeiro reconhecimento, seguido de um levantamento bastante sistemático; houve cortes estratigráficos, mas não suficientes; faltaram especialmente as escavações.

O trabalho, depois da localização minuciosa feita pelo Sr. Emídio P. Martino, consistiu na visita aos sítios documentando-os (descrição, fotografia, medição de diâmetro e altura e croquis de implantação), fazendo coletas superficiais e pequenas sondagens iniciais, depois cortes estratigráficos isolados ou agrupados em posições consideradas mais significativas para avaliação dos conteúdos e das estruturas verticais.

A maior parte dos cortes estratigráficos foi realizada na meia-encosta dos sítios, que parecia a parte mais rica em materiais. A remoção era feita em níveis artificiais de 20 ou 25 cm de espessura e os sedimentos peneirados quando suficientemente secos e desagregados, ou examinados cuidadosamente com auxílio de colher de pedreiro.

Os cortes de 1971 foram, de preferência, nos cerritos mais altos dos diferentes sítios. Em 1972 se fizeram cortes também em cerritos baixos, descobrindo-se, então, variáveis antes desconhecidas, especialmente que eles continham mais material e sepultamentos.

Resultados prévios foram publicados em 1967 (Schmitz, coordenador), em 1976 (Schmitz), em 1991 (Schmitz, Naue & Basile Becker), mas não foram as únicas divulgações.

Os dados foram retomados em diversas oportunidades e por diversas pessoas, mas nunca chegaram a um resultado publicável. A última retomada foi de Maribel Girelli (1995) dentro de uma bolsa de Recém-Mestre da FAPERGS. Deste trabalho utilizamos a análise do material lítico e cerâmico. A reconstituição da dieta, para o presente trabalho, foi feita pelo biólogo André Osorio Rosa. O

texto final e sua ilustração foram concluídos por Pedro Ignácio Schmitz; os croquis originais dos sítios e os perfis são de autoria de Fernando La Sálvia.

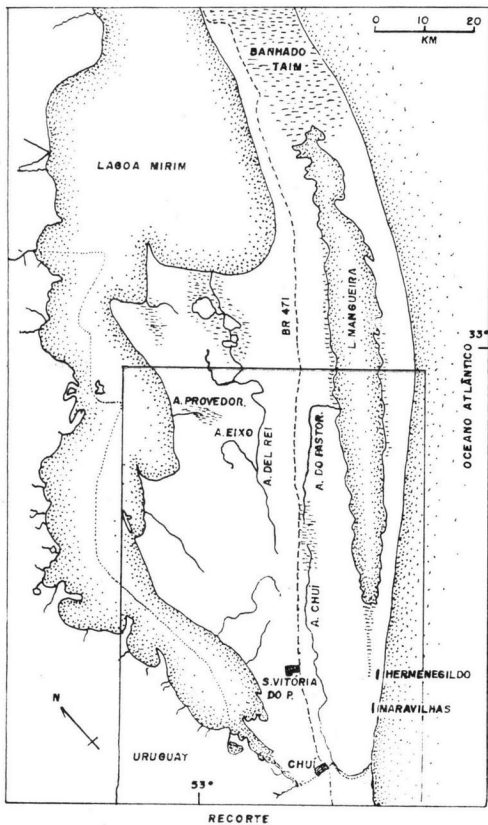
Os resultados mostram a ocupação da área por uma população indígena caçadora, inicialmente acerâmica, depois ceramista da tradição Vieira. Seus primeiros assentamentos provavelmente antecedem o tempo de Cristo, como em Rio Grande. Os sítios parecem ocupações estacionais e fazem parte de um conjunto de sítios muito maior, que se estende por diversas áreas do Uruguay e do Rio Grande do Sul e apresenta típicas construções em terra, conhecidas regionalmente como *cerritos*. Os recursos buscados a partir desses acampamentos são a caça na proximidade dos banhados, mas em terrenos acessíveis por terra, sem utilização de canoas, em menor escala a pesca de peixes de água-doce, raramente de peixes marinhos que sobem pelos rios, como a miraguaia e os frutos, entre os quais o butiá certamente ocupou posição de destaque. O animal que aparece mais caçado é o veado-campeiro, que deveria ser abundante nos terrenos aplanados da beira dos banhados e arroios.

Os sítios se aglomeram ao longo dos arroios Chuí e Pastoreio, que drenam o banhado dos Canelões, ao longo do arroio Del Rei, com seu afluente Do Eixo e, em menor escala, junto ao arroio dos Provedores. São poucos os sítios nos banhados, sobre as barrancas da lagoa Mirim e nos campos de dunas das praias.

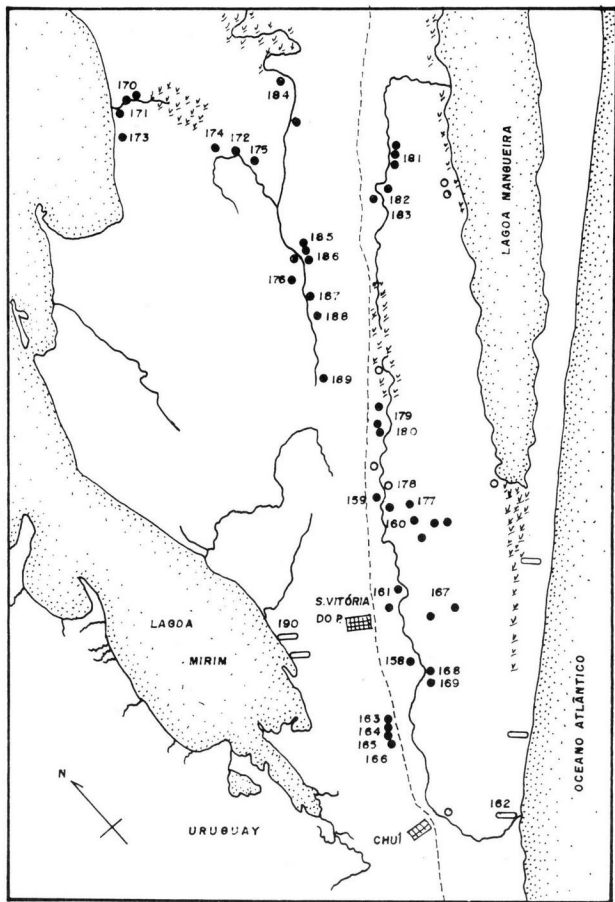
Os sítios se compõe, geralmente, de mais de um cerrito e estes costumam ter tamanhos diferentes, tanto na extensão, quanto na altura. Embora não existam, neste momento, dados concretos para interpretar esta associação e esta diferença, uma hipótese razoável é de que eles correspondam a ocupações estacionais e não sejam todos ocupados numa determinada estação. Certamente não se trata de aldeias com diferentes casas sincrônicas, correspondendo aos diversos cerritos. A ocupação não deixou estruturas que indiquem a matéria-prima, o tamanho e espaço dos abrigos, nem das fogueiras e lugares de trabalho, apenas alguns sepultamentos no período mais recente da ocupação. Alguns cerritos são totalmente pré-cerâmicos, outros têm as camadas inferiores pré-cerâmicas e as superiores cerâmicas, alguns ainda totalmente cerâmicos. A multiplicação de sítios ao longo dos mesmos arroios deve ser pensada antes em termos de numerosos retornos ao mesmo lugar e não tanto em termos de grande densidade populacional.

Os sítios de Santa Vitória do Palmar partilham elementos com sítios parecidos de outras áreas do Rio Grande do Sul e do Uruguay, como seja uma morfologia e uma tradição cerâmica, mas outros podem ser diferentes, como os elementos apropriados para a subsistência, que variam de acordo com as disponibilidades locais.

Sítios elevados na proximidade, ou dentro de áreas alagadiças, são freqüentes na Bacia do Rio da Prata e não necessariamente estão ligados a uma determinada etnia. Os do Rio Grande do Sul e áreas vizinhas do Uruguay partilham uma tradição cerâmica e seus portadores deveriam mover-se e acampar em um território amplo, sem barreiras físicas e políticas.



MAPA 01 – O município de Santa Vitória do Palmar.



MAPA 02 – A área de pesquisa e os sítios.

OS SÍTIOS E AS ATIVIDADES NELES REALIZADAS

Sítio RS-158

Nos campos de Alberto Talayer, no lugar chamado Maria Gomes, no 2º distrito de Santa Vitória do Palmar, a montante da ponte, na estrada que liga a cidade ao balneário Hermenegildo, foram localizados 7 cerritos, a uns 100 metros do arroio Chuí. Um oitavo se encontra no campo vizinho. Estas áreas alagavam no tempo das enchentes, antes da retificação do arroio.

A vegetação, na área, é composta por gramíneas naturais dos campos, sem haver, hoje, matos naturais. Antigamente o arroio deveria ter uma borda de sarandis, cujos tocos ainda apareciam, em certos lugares, quando o proprietário era jovem.

Os cerritos têm as seguintes medidas:

1	44,70 m de diâmetro	2,35 m altura
2	42,30	1,90
3	42,20	2,24
4	27,20	2,30
5	36,00	1,20
6	43,00	2,42
7	32,00	1,00
8	27,20	1,30 (Ver croqui e perfis)

Os cerritos 1, 2 e 7 apresentavam cultivo de milho e abóbora. O 2 também eucalito. Ao redor havia plantação de arroz irrigado.

Na primeira visita, realizada em 20/01/1967, foi feita a documentação, uma coleta superficial e uma sondagem de 1,00 x 1,50 m, no *cerrito* 2, que alcançou 1,50 m de profundidade, sem atingir a base estéril.

O perfil se apresenta da seguinte maneira: 0-0,10 m terra revolvida pelo arado, sedimentos castanho-escuros, soltos, sem material arqueológico. – 0,11-1,50 m sedimentos mais compactos, com aproximadamente a mesma coloração, contendo lascas e ossos, calcinados ou não, de animais variados, especialmente cervídeos, e grânulos de carvão. Na sondagem apareceu um fragmento de cerâmica.

Em janeiro de 1971 o sítio foi novamente visitado, realizado-se dois cortes estratigráficos no cerrito 1, um corte no cerrito 2 e 2 cortes no cerrito 5 (Figuras 3 e 4).

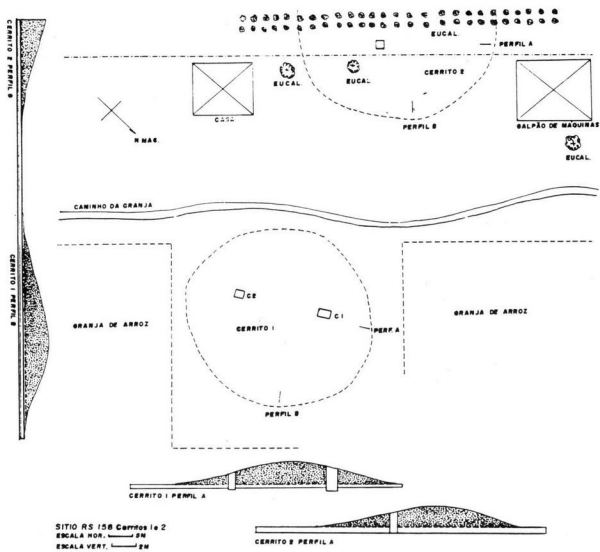


FIGURA 03 – Sítio RS-158, cerritos 1 e 2.

O corte I, no *cerrito 1* (Figura 3), foi aberto no lado oposto ao arroio Chui, a 8 m de distância do topo e 0,65 m abaixo do mesmo. O corte mediu 2,50 x 1,50 m e foi escavado em níveis artificiais de 0,25 m, até 2,25 m de profundidade.

O material arqueológico, composto por poucas lascas e ossos quebrados de animais, sem cerâmica, aparece até 2,00 m de profundidade, sendo o corte estéril a partir daí. Não aparece cerâmica. O material é mais abundante entre 0,75 e 1,50 m de profundidade.

As camadas do perfil, na parede sudoeste, apresentam a seguinte composição:

0-0,25 m – sedimento areno-argiloso, castanho, bastante compacto, com raízes da vegetação superficial;

0,26-1,15 m – sedimento areno-argiloso, um pouco mais escuro que o da camada anterior, menos compacto, com menos raízes;

1,16-1,85 m – sedimento areno-argiloso, com mais areia, castanho-amarelado, mais compacto;

1,86-2,25 m – sedimento com bastante mais areia, cor mais amarelada, menos compacto.

O corte II foi aberto no lado fronteiro ao arroio, a 11,50 m do topo e 1,10 m abaixo do mesmo. O corte de 1,50 x 1,50 m foi aberto em níveis artificiais de 0,20 m, até a profundidade de 1,30 m.

As camadas apresentam-se iguais às do corte I, aparecendo o mesmo tipo de material e nenhuma cerâmica. O material ósseo era muito mais frágil, talvez por maior proximidade com o banhado, sendo quase impossível recolhê-lo.

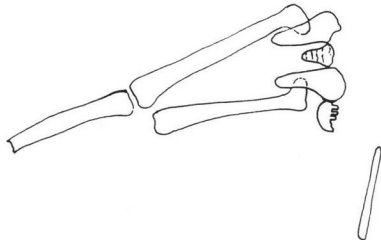
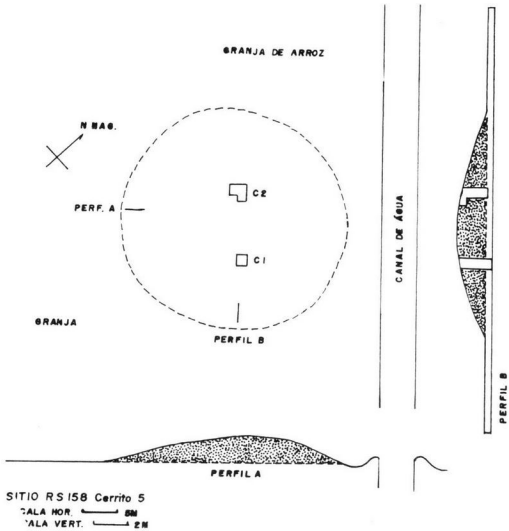
No *cerrito 2* foi aberto novo corte de 1,50 x 1,50 m, no lado fronteiro do arroio, perto da sondagem feita em 1967, num claro aberto entre uma plantação de eucalitos. Dista 8,70 m do topo e está 0,50 m abaixo do mesmo. Os sedimentos foram removidos em níveis artificiais de 0,20 m até 1,60 m de profundidade.

O comportamento das camadas é semelhante às do *cerrito 1*. O material também. Não aparece cerâmica.

O *cerrito 5* (Figura 4), que está próximo ao canal auxiliar de represamento da água da lagoa Mangueira, aberto no limite do campo de Alberto Talayer, dista mais ou menos 150 m do arroio retificado e aproximadamente 100 m do arroio antigo, que ali formava meandro, ainda visível. Atualmente o *cerrito* está cercado de plantações de arroz. Nele foram realizados dois cortes estratigráficos em níveis artificiais de 0,20 m.

O corte I, perto do topo, no lado fronteiro ao arroio, de 1,50 x 1,50 m, atingiu a profundidade de 1,94 m, com material e composição semelhantes aos *cerritos* anteriores. Sem cerâmica.

O corte II, perto do topo, no lado oposto ao arroio, de 2,50 x 1,50 m, chegou até 1,60 m, tendo de ser abandonado por causa da entrada de um longo período de chuvas.



SITIO RS 158 Cerrito 5 Corte 2

FIGURA 04/05 – Sitio RS-158, cerrito 5 e restos ósseos de sepultamento.

O material e a composição são os mesmos dos cerritos anteriores.

Na profundidade de 0,20-0,40 m foi encontrado um sepultamento humano, composto pelos ossos da pelvis, vértebras sacrais, dois fêmures (nenhuma rótula), tíbia e fíbula direitas, uma falange isolada do pé, o maxilar junto ao lado esquerdo da pélvis (Figura 5). Dentro do setor apareceu mais uma ulna e diversas falanges. A parte principal do esqueleto, de adulto, estava articulada, estendida em posição quase leste-oeste, em decúbito dorsal. Não se perceberam sinais de cova. Na remoção da terra para liberar o esqueleto foi encontrado um fragmento de cerâmica.

No total dos cortes do RS-159 foram recuperadas lascas (203), núcleos (11), fragmentos (41) e apenas dois fragmentos de cerâmica, em níveis superiores, indicando que se trata de sítios pré-cerâmicos.

A partir dos restos ósseos foi possível reconhecer veado-campeiro, graxaim, preá e peixes.

Sítio RS-159

Na Fazenda Bota-Fogo, de Conrado Alves Guimarães, localizada junto ao Km 189 da BR, que liga Rio Grande ao Chuí, no 1º distrito do município de Santa Vitória do Palmar. Próximo das casas, a mais ou menos 500 m da lombada sobre a qual corre a rodovia, foram localizados 3 cerritos, sendo dois no campo e um (o 3) na chácara. As cheias de inverno atingem este último (Figura 6 e 7).¹

Nos arredores não existem matos naturais, mas eucalitos.

Os cerritos têm as seguintes medidas:

1	34,85 m diâmetro	1,10 m altura
2	36,00	0,83
3	29,00	0,87

Na primeira visita, em 21/01/67, foi feita uma coleta superficial no cerrito 3, que deu os seguintes materiais: 8 fragmentos de cerâmica, lascas de quartzo, um implemento lítico.

Em janeiro de 1972 se fez um corte estratigráfico de 1,50 x 1,50 m, em níveis artificiais de 0,20 m, no *cerrito 1*, que está uns 3 m sobre o nível do banhado. O corte alcançou 1,20 m de profundidade, sem aparecer claramente a camada de areia amarelada da base.

1 - A quilometragem está indicada de acordo com a marcação antiga, como está no mapa de Santa Vitória do Palmar, organizado pelo engenheiro-agrônomo Carlos Alcy Cardozo, julho de 1958. Para ter a quilometragem de hoje é preciso acrescentar de 30 a 35 km nos números assim indicados.

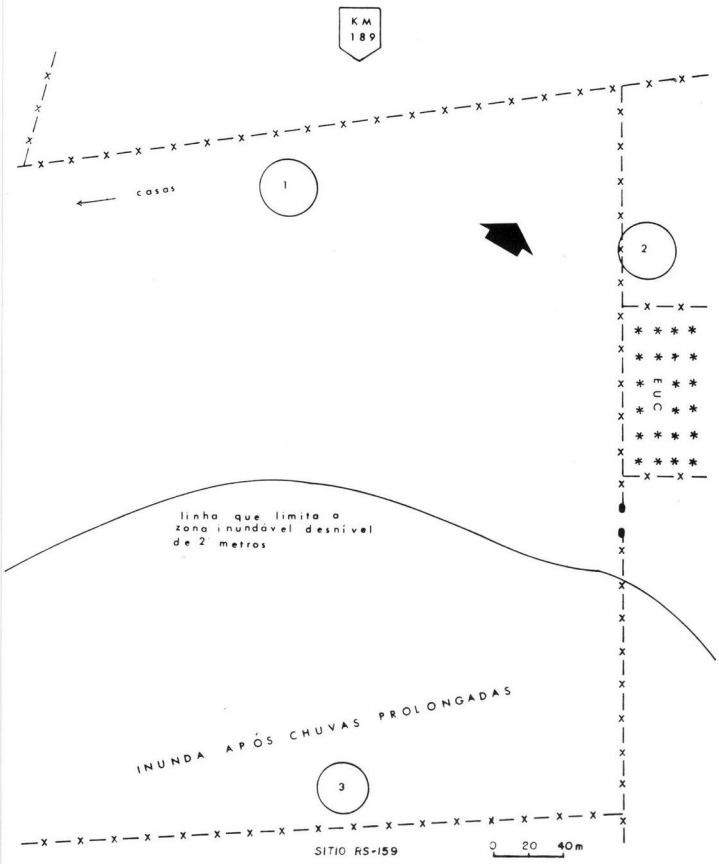


FIGURA 06 – Croqui do sítio RS-159.

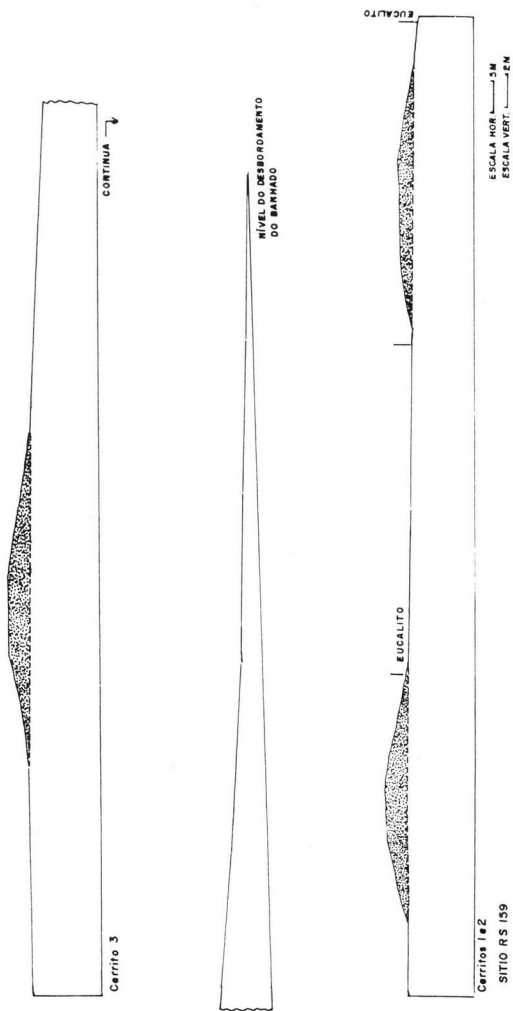


FIGURA 07 – Sítio RS-159, perfil dos cerritos 1, 2, 3.

O material recuperado consistiu em algumas lascas, raros ossos de animais e 1 fragmento de cerâmica na superfície e 3 no corte. Os moradores também nos indicaram que neste lugar não vinha aparecendo material.

Sítio RS-177

A algumas centenas de metros, em terrenos alagadiços na borda do banhado dos Canelões, foram encontrados 3 cerritos (Figura 8).

O cerrito 1 (58,30m x 40,50m de comprimento e largura por 2,48 m de altura) e o cerrito 2 (54,80 x 36,60 m por 2,18 m) são formados por dunas encostadas no banhado; o 3 (25,80 m por 0,52 m) se encontra um pouco mais afastado.

Não existe mata natural nos arredores, mas a certa distância se encontram as palmeiras da Ilha (RS-160) e da propriedade vizinha, pertencente a Ida Correia.

Em 30/01/1967 fez-se a documentação e uma coleta superficial no 1 e 2, que deu algumas lascas (3), 1 núcleo, 1 raspador e pequenos pedaços de osso; nenhuma cerâmica.

Segundo informação do proprietário, recentemente teriam sido descobertos ossos humanos no cerrito 3, o que, então, não foi possível verificar.

A maior parte dos objetos de uma pequena coleção particular de artefatos, mantida pelo proprietário, teriam sido encontrados nestes cerritos.

Em 1972 se abriram três quadrículas no *cerrito 3* (Figura 9). O cerrito está aproximadamente 500 m do cerrito 1, dentro da área alagadiça e uns 100 m do braço do banhado. Com as chuvas fica completamente cercado, estando a base apenas 0,20 m sobre o nível normal das águas nesta temporada. O cerrito está cortado por uma cerca, estando a porteira em cima do mesmo. O sítio foi bastante prejudicado pelo trânsito de carroças, remoções e acúmulos de terra.

A primeira quadrícula, de 2,00 x 1,50 m, foi implantada no local que parecia mais alto e mais intato, na parte da coroa, mas não da periferia para o centro e sim um pouco cruzado, para escapar das áreas perturbadas. Os sedimentos foram removidos em níveis artificiais de 0,20 m até 0,78 m.

O perfil da parede sul apresenta as seguintes camadas:

0-0,10 m – grama;

0,11-0,30 m – sedimento castanho-escuro, arenoso, solto, com muito material arqueológico: lascas, ossos, diversos fragmentos de cerâmica, parte de esqueleto humano;

0,31-0,58 m – sedimento castanho-escuro, arenoso, solto, com pouco material arqueológico (lascas, ossos, 1 fragmento de cerâmica), mas concentrado;

0,59-0,78 m – sedimento clareando em profundidade, com muitos seixos em decomposição, compacto e sem material arqueológico.

A segunda quadrícula, em continuação da anterior, em direção ao centro, foi removida da mesma forma e apresenta material semelhante; 6 fragmentos de cerâmica; o sepultamento continua.

A terceira quadrícula, em continuação à anterior, em direção ao centro, ainda foi removida de maneira semelhante e apresenta material parecido; 14 fragmentos de cerâmica. No seu extremo aparece uma mandíbula com poucos fragmentos de ossos longos humanos.

O sepultamento (Figura 10), que apareceu entre a quadrícula 1 e 2, é de pessoa adulta. Devido à má conservação dos ossos e dureza dos sedimentos é impossível dizer em que posição e decúbito teria sido depositado e se é sepultamento primário ou secundário. Era possível reconhecer o crânio muito fragmentado, numerosas costelas, os ossos dos braços, a clavícula e um dos fêmures. Não se viram vértebras, omoplatas, ossos da bacia e os ossos das mãos e dos pés.

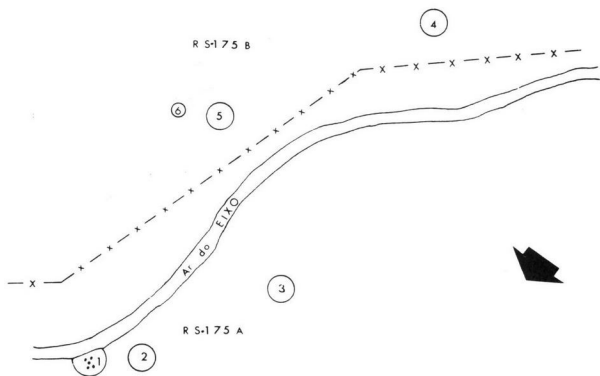
Uma mandíbula e fragmentos de ossos longos não identificáveis apareceram na outra extremidade da quadrícula. Não é possível dizer se pertencem ao primeiro sepultamento ou são o começo de outro.

O cerrito mostra claramente que houve uma ocupação mais prolongada de um grupo claramente ceramista. Os fragmentos de cerâmica em vários pontos estão reunidos, como se fossem de um mesmo vasilhame, o que indicaria que houve pouco pisoteio. O fato de o sítio se encontrar tão perto da água, os materiais se encontrarem mais bem conservados e haver maior quantidade de cerâmica sugere que se trata de um sítio recente dentro da ocupação da área.

No cerrito, além da cerâmica, apareceram: uma bola de boleadeira, uma bigorna-percutor, um percutor e/ou polidor, seixos quebrados por apoio e um grande número de lascas.

Entre os restos ósseos animais foram reconhecidos: o veado-campeiro, o cervo-do-pantanal, o tatu-peludo, o graxaim, roedores não-identificados e peixes.

Seguindo para dentro do banhado chega-se ao RS-160.



SITIO RS-175 A, B

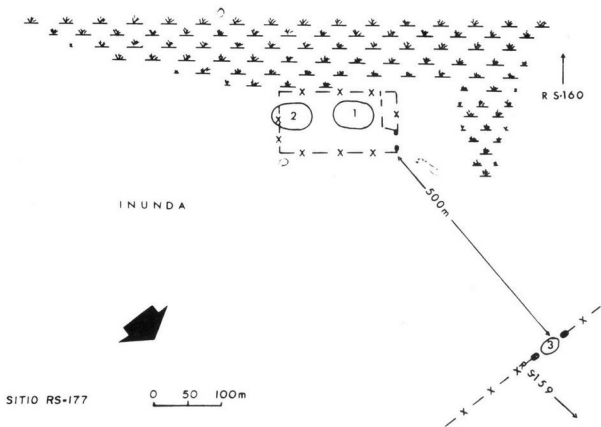


FIGURA 08 – Croquis dos sítios RS-175 A, B e RS-177.

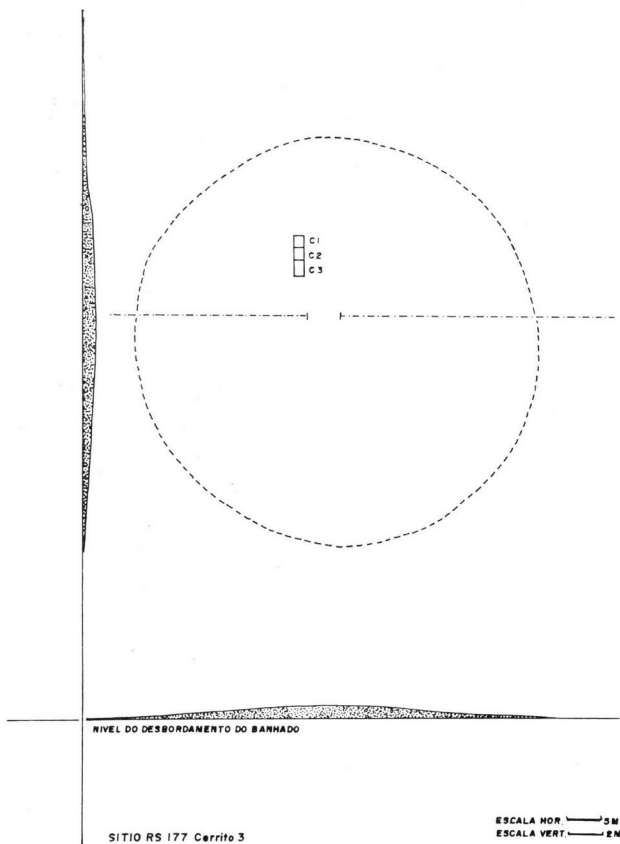


FIGURA 09 – Sítio RS-177, cerrito 3, croqui e perfis.

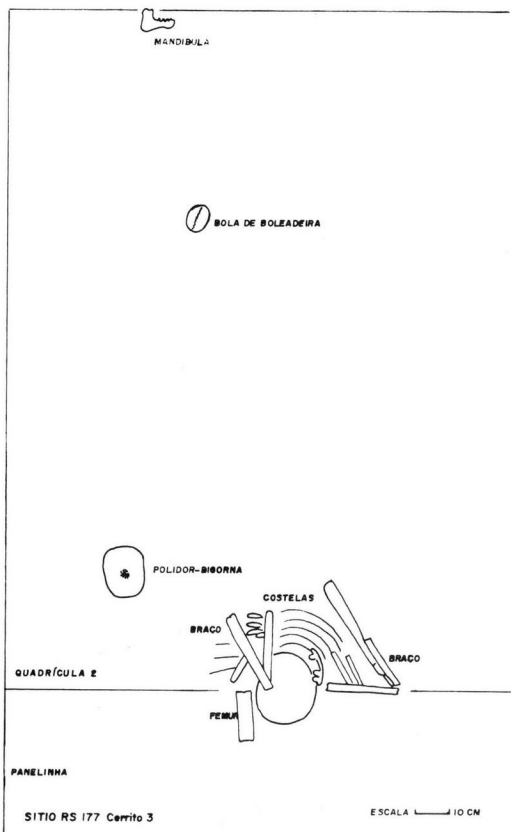


FIGURA 10 – Sítio RS-177, cerrito 3, sepultamento.

Sítio RS-160

Nos fundos da mesma fazenda Bota-Fogo, de propriedade de Conrado Alves Guimarães, dentro do banhado dos Canelões, foram localizadas sete elevações, das quais ao menos uma é um cerrito, sendo as outras talvez dunas ocupadas ou cerritos cobertos por areia transportada pelo vento. A certeza de um vem do corte realizado, a incerteza dos outros da falta deste corte e da forma irregular.

Estão cobertas por grama e na proximidade existem algumas palmeiras. No banhado há grande quantidade de palha santa-fé e junco e além do banhado há um pequeno mato natural. O banhado é rico em aves aquáticas (jacás, maírecões, colheiros, cabeças-de-ferro, jaçanãs, saracuras), capivaras e ratões, também moluscos.

O tamanho das elevações é o seguinte:

1	36,10 m diâmetro	1,99 m altura
2	27,50	1,10
3	43,50	2,24
4	29,80	1,82
5	37,00	1,10
6	60,00	1,99
7	30,00	1,10

Em 21/01/1967 realizou-se inspeção, medição, croqui e corte experimental no *cerrito 1*. Este foi de 1,20 x 1,30 m, na parte alta da elevação, chegando a 1,18 m de profundidade, sem alcançar a base estéril.

Na camada superficial os sedimentos são castanho-escuros, arenosos, pouco consistentes e só apareceu uma lasca.

Daí para diante, até 1,18 m, os sedimentos são os mesmos, aparecendo raros grânulos de carvão, pequenos fragmentos de ossos calcinados, coquinhos queimados e pequenas lascas; nenhuma cerâmica.

Ao todo, com a coleta de superfície, foram recolhidas 12 lascas, 2 núcleos e 10 fragmentos líticos. Nenhuma cerâmica.

Entre os ossos de animais foram reconhecidos: veado-campeiro, preá e rato-do-banhado.

Sítio RS-161

Nos campos de Pedro Rota, Sucessão Haras, Km 196 da BR, localidade de São Pedrito, 1º distrito de Santa Vitória do Palmar, foi encontrado um cerrito, em campo limpo, em terreno anteriormente atingido pelas cheias, na proximidade do arroio Chuí retificado. A mais ou menos 700 m está a coxilha sobre a qual se levantam as casas do fazendeiro (Figura 14).

O cerrito apresenta duas plataformas aplainadas (ou degraus), sendo uma no topo e uma quase na base, circundando o cerrito.

Na proximidade não existe mata natural, mas apenas alguns coqueiros e matto de eucalito.

Atualmente existe uma cacimba, que dista em torno de 68 m do cerrito, aberta porque o nível da água baixou depois da retificação e o lençol freático se encontra aproximadamente 2 m abaixo da superfície.

Em 21/01/1967 foi feita a documentação e uma sondagem de 1,10 x 1,20 m, que alcançou 2,10 de profundidade, sem ter atingido a camada basal característica de todos os cerritos.

0-0,10m – grama

0,11-0,30 cm – sedimento areno-argiloso, castanho-escuro, bastante compacto. Foram encontrados pedaços de ossos de animais, lascas, e 1 fragmento de cerâmica.

Na profundidade de 0,70 m encontraram-se, juntos, ossos grandes de animal de porte médio.

O material recuperado no sítio consistiu de 14 lascas, 6 núcleos, 21 fragmentos líticos e 3 fragmentos de cerâmica.

Com os ossos dos animais foi possível reconhecer veado-campeiro, cervo-do-pantanal, preá, tatu, graxaim e peixes.

Sítio RS-162

Nos campos de Mário Anselmi, Estância Charrua, distrito de Chuí, município de Santa Vitória do Palmar, junto à ponte internacional, à margem direita da estrada que leva à Barra do Chuí e à margem esquerda do arroio Chuí, nas altas barrancas erodidas pela água e pelo vento, foi encontrado material, numa situação diferente dos cerritos (Figura 11).

Num estrato arenoso de cor castanha, pouco espesso, que se sobrepõe a areias vermelhas, num diâmetro de uns 20 m, foram encontradas 37 lascas, 18 núcleos, 2 seixos quebrados por apoio, 1 percutor, 3 bolas de boleadeira, 4 alisadores, 20 fragmentos líticos e 8 fragmentos de cerâmica. Na coleção de Mário e Sara Donato existe mais material.

Na mesma estância, mas distando em torno de 6 km do oceano, existe um depósito conchífero, do qual, segundo informações do Dr. Emídio P. Martino, teriam sido recolhidos diversos esqueletos humanos. Segundo informação verbal do Prof. Barberena, da Escola de Geologia da UFRGS (Porto Alegre), os mesmos depósitos seriam naturais.

Na mesma estância ainda existe ao menos um cerrito, no qual a Escola de Geologia da UFRGS abriu uma trincheira, encontrando, a um metro de profundidade, cerâmica e restos de crânio humano.

Em 22/01/1967 foi feita a documentação e a coleta de superfície do sítio RS-162.

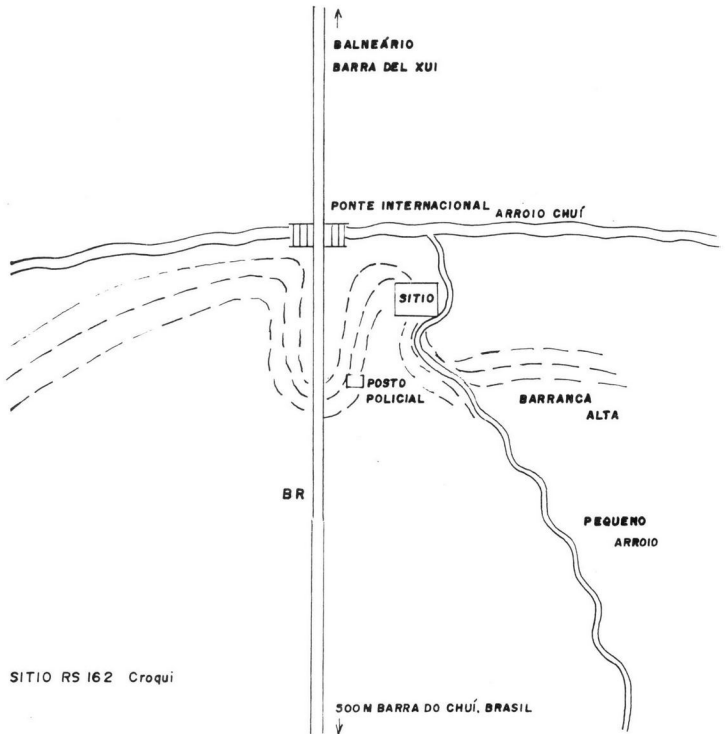


FIGURA 11 – Croqui do sítio RS-162.

Sítio RS-163 A, B

Nos campos de João Alberto Costa, Km 209 da BR, 1º distrito de Santa Vitória do Palmar, foram encontrados dois cerritos (1 e 2 da lista), na chácara ao fundo das casas, em terrenos sujeitos a inundações, na proximidade do arroio Chuí, margem direita. Os sítios estavam cultivados com milho e batata doce. É o RS-163 A. (Figura 12 e 13).

Nos campos vizinhos, de Manuel Salies, encontram-se cinco cerritos (3-7 da lista), também em terrenos sujeitos a alagação, também na margem direita do arroio. No campo vizinho, próximo, aparecem mais dois cerritos (RS-164) (Figura 12 e 13).

Na proximidade não existem matas naturais, apenas algumas tunas (cactus) e eucalitos.

As medidas dos sítios são as seguintes:

1	30,00 m diâmetro	1,90 m altura
2	30,00	0,70
3	36,80	2,44
4	30,50	2,12
5	23,30	1,10
6	23,50	1,17
7	37,50	2,25

No 163 A, em 21/01/1967, se fez inspeção e coleta superficial, que rendeu lascas, fragmentos de cerâmica e uma bigorna-percutor.

No mesmo dia se fez a documentação e coleta superficial no 163B, que rendeu lascas, um alisador e boleadeiras.

Em janeiro de 1972 o local foi novamente visitado e foi feito corte de 1,50 x 1,50 m na encosta superior do cerrito 1, no lado oposto ao arroio, a 1,95 m de altura com relação ao campo circundante (Figura 13).

Os sedimentos foram removidos em níveis artificiais de 0,20 cm, até a profundidade de 2,10 m, tendo já entrado na camada estéril.

As camadas se apresentam como nos cerritos anteriores e também o material. No corte apareceram lascas, cerâmica (até 1,00 m), raros ossos.

Ainda foram realizadas duas sondagens de 0,60 x 0,60 m até 0,90 m de profundidade uma na borda do cerrito 1, do mesmo lado do corte e outra no cerrito 2, no lado voltado para o arroio velho.

O material recolhido no conjunto de cerritos consiste de lascas (200), núcleos (35), bigorna-percutor (1), percutor-de-arestas (1), seixo polido (1), bola de boleadeira (4), fragmentos líticos (67), 49 cacos de cerâmica no 163A e 7 no 163B, poucos ossos de mamíferos.

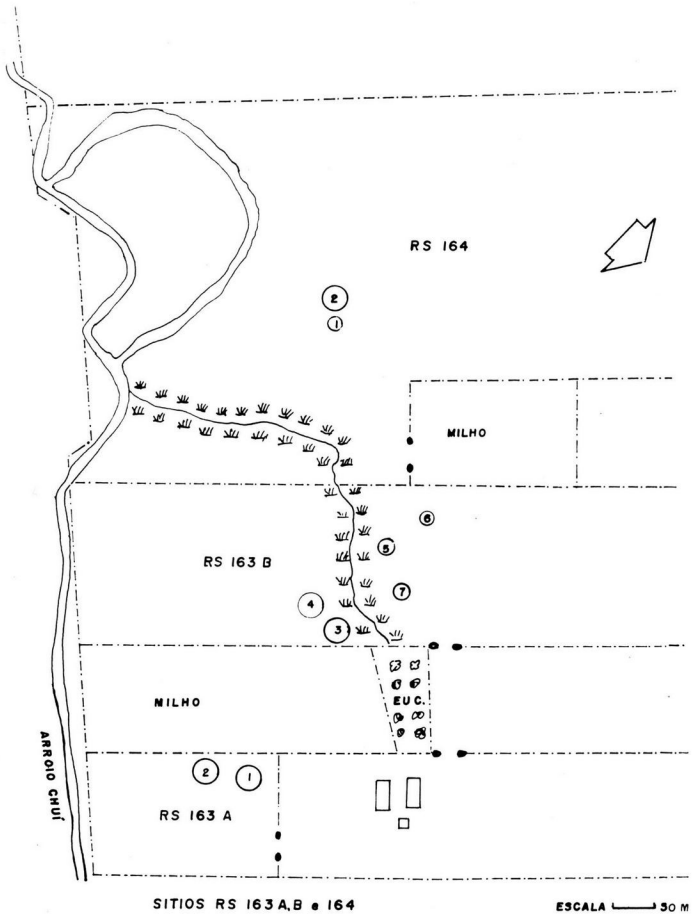


FIGURA 12 – Croqui dos sítios RS-163 A, B, e RS-164.

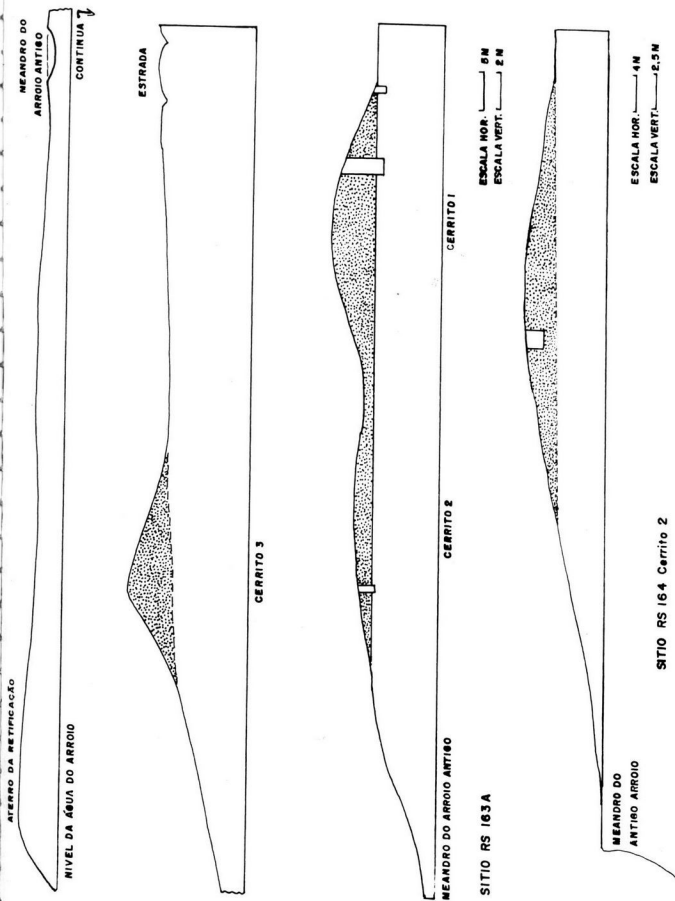


FIGURA 13 – Perfis dos cerritos 1, 2, 3 do sítio RS-163A e do cerrito 2 do sítio RS-164.

Sítio RS-164

Nos campos de João Batista da Silveira Lima (vulgo Olavo Lima), Km 209 da BR, 1º distrito de Santa Vitória do Palmar, em campo limpo, na margem direita do arroio Chuí, junto a um meandro abandonado, sobre pequena plataforma, mas em terreno sujeito a inundações, foram encontrados mais dois cerritos. Eles fazem conjunto com os do RS-163 A, B.

Na proximidades não há mato natural, só uns pequenos tufos de vegetação.

O tamanho dos cerritos é o seguinte:

- | | | |
|---|------------------|--|
| 1 | 19,00 m diâmetro | 1,37 m altura |
| 2 | 22,50 | 2,42 (Ver croqui junto com RS-163 A, B, figuras 12 e 13) |

No *cerrito 2* foi feito um corte estratigráfico de 2,00 x 1,20 m até a profundidade de 1,00 m. A remoção foi feita em níveis artificiais de 0,25 m. Até 0,70 m apareceu cerâmica.

Material recuperado no sítio: lascas (23), núcleos (4), bolas de boleadeira (coleção, 5), fragmentos líticos (7), fragmentos de cerâmica (5).

Sítio RS-165

Nos campos de Félix de Oliveira, Km 211 da BR, 1º distrito de Santa Vitória do Palmar, em terreno sujeito a inundações, na margem direita do arroio Chuí, foram encontrados dois cerritos. Estão bastante cultivados e bastante destruídos. Num dos cerritos encontrou-se louça e vidro (Figura 14).

Só um dos cerritos foi medido: 49,30 de diâmetro e 1,87 m de altura.

Em 22/01/67 o sítio foi documentado e foi feita uma coleta superficial, que resultou em 2 cacos de cerâmica e 60 lascas, 11 núcleos e 33 fragmentos.

Sítio RS-166

Nos campos de José Arnoldo, Km 211 da BR, 1º distrito de Santa Vitória do Palmar, em campo limpo, terreno sujeito a inundações, à margem direita do arroio Chuí, encontrou-se um cerrito de 27,00 m de diâmetro e 1,02 m de altura (Figura 14).

Em 23/01/1967 apenas se documentou o sítio, não se recolhendo nenhum material.

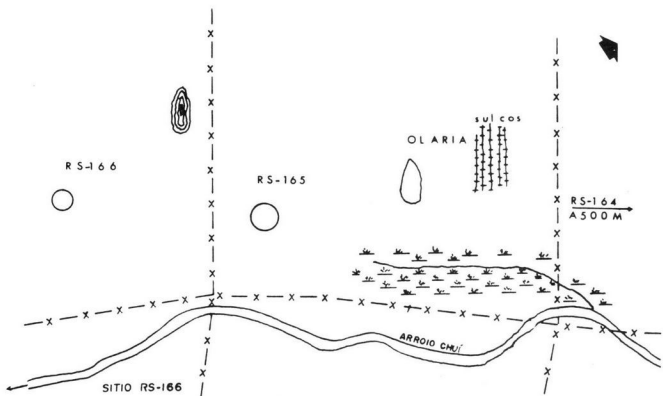
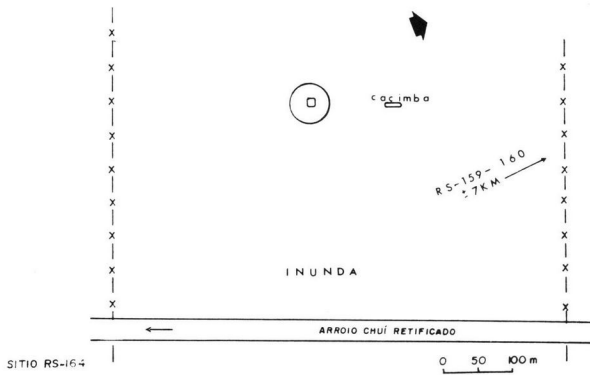


FIGURA 14 – Croquis dos sítios RS-161 e RS-165 e 166.

Sítio RS-167 A, B

RS-167 A. Nos campos de Francisco Flório, na localidade de Geribatu, 2º distrito de Santa Vitória do Palmar, próximo a um banhado, à margem esquerda do arroio Chuí, mas bastante distante dele, foram encontrados 7 cerritos.

Não existem matos naturais na proximidade.

O tamanho dos cerritos é o seguinte:

1	27,00 m diâmetro	1,50 m altura
2	28,00	1,12
3	21,00	1,00
4	50,00	1,10
5	39,60	2,32
6	30,00	1,52
7	35,00	2,12

Em 23/01/1967 foi feita a documentação e uma coleta superficial, que rendeu algumas lascas e um alisador/polidor/percutor no cerrito 5.

Em 1994 foi feita nova visita (Maribel Girelli) e foi encontrado um fragmento de cerâmica em terra recentemente revolvida.

RS-167 B. Nos campos da Viúva de Antônio Domingues, na localidade de Geribatu, 2º distrito de Santa Vitória do Palmar, à beira de um grande banhado, à margem esquerda do arroio Chuí, foram encontrados mais três cerritos.

Dois cerritos estavam plantados com milho.

Não há mato natural nos arredores.

Tamanho dos cerritos:

1	40,00 m diâmetro	1,10 m altura
2	60,00	1,70
3	25,00	1,52

Em 23/01/1967 foi feita a documentação e uma coleta superficial, que deu dois fragmentos de cerâmica e algumas lascas.

Ao todo, no sítio RS-167, foram encontradas lascas (23), núcleos (6), percutores/polidores (2), fragmentos (14), fragmentos de cerâmica (3).

Sítio RS-168 A, B

RS-168 A. Nos campos de Humberto Praxedes da Costa, Sucessão Ponfílio, junto à ponte da estrada para o balneário Hermenegildo, localidade de João Gomes, 1º distrito do município de Santa Vitória do Palmar, foram descobertos 3 cerritos, localizados à margem esquerda do arroio Chuí retificado (Figura 15).

A vegetação dos arredores é toda plantada.

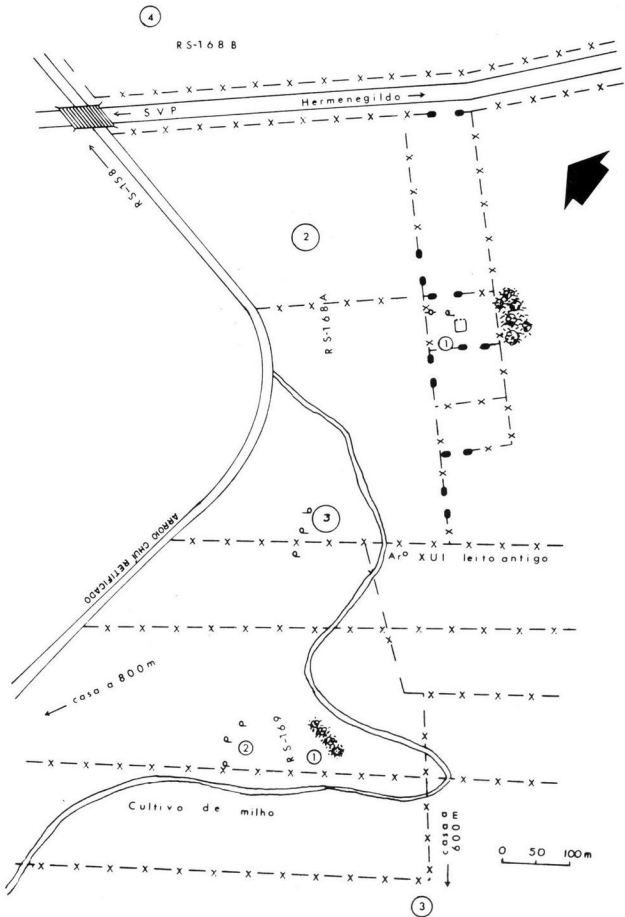


FIGURA 15 – Croqui dos sítios RS-168 A, B e RS-169.

O cerrito 1 (26,00 m de diâmetro por 0,70 m de altura) tem em cima um galpão e árvores plantadas. Está bastante erodido.

O cerrito 2 (40,50 m de diâmetro por 1,32 m de altura), bastante erodido, tem aspecto de tapera, com dois umbus em cima e com material de ocupação branca. Está na margem direita do antigo arroio, abandonado com a retificação.

O cerrito 3 (45,00 m de diâmetro por 1,82 m de altura) está no campo, perto da estrada e ostenta um marco de estância.

Em 25/01/1967 se fez a documentação e uma coleta superficial do cerrito 2, resultando no seguinte material: lascas (25), núcleos (3), fragmentos (11), um fragmento de cerâmica indígena, louça e implementos de ferro.

RS-168 B. Aproximadamente 550 m do cerrito 3, do outro lado da estrada, bastante perto do arroio Chuí, existe um cerrito (26,00 m de diâmetro por 0,70 m de altura), que apenas foi visitado, em 25/01/1967.

Em campo lindante está o sítio RS-169.

Sítio RS-169

Em campos da Sucessão Viana, localidade de João Gomes, 1º distrito de Santa Vitória do Palmar, sobre a estrada de Geribatu, foram encontrados 3 cerritos, localizados em terreno alagadiço entre o arroio Chuí antigo e o retificado (Figura 15).

Junto ao 1 e 2 existe vegetação arbustiva, tunas e alguns gerivás.

O cerrito 3 está coberto por roça de milho, amendoim e batata-doce.

Medidas:	1	32,00 m diâmetro	0,92 m altura
	2	39,00	1,00
	3	47,00	1,50

Em 25/01/1967 foi feita a documentação e uma coleta superficial, que proporcionou 21 lascas, 3 núcleos, 7 fragmentos líticos e 2 fragmentos cerâmicos.

Sítio RS-170 A

Nos campos dos Irmãos Azambuja (José, Saint-Claire e Zenon de Lima Cardim), no lugar chamado Provedores, junto à lagoa Mirim, 4º distrito de Santa Vitória do Palmar, foram encontrados, no fundo do campo, 8 cerritos, sendo 7 à margem direita e 1 à margem esquerda do arroio Provedores, em campo limpo, inundável em tempo de chuva, mas sobre pequena plataforma (1,70 m sobre o nível de água do arroio) (Figura 16).

Nas proximidades só existem matos plantados. Matos naturais são encontrados arroio abaixo e na proximidade da lagoa Mirim.

As medidas dos cerritos são as seguintes:

1	26,00 m	diâmetro	0,70 m	altura.
2	37,00		1,38	
3	35,00		1,80	
4	42,70		3,36	
5	29,50		0,55	
6	38,70		1,46	
7	29,90		0,20	
8	22,00		0,40	

De 26-28/01/1967 foram realizados diversos trabalhos, foi feita a documentação e os cortes no cerrito 4.

No **cerrito 4** foi feita coleta superficial que rendeu 16 fragmentos de cerâmica e foi aberto um corte estratigráfico de 3,00 x 1,50 m, que começava no centro e ia para a periferia. A remoção dos sedimentos foi em níveis artificiais de 0,25 m, até 2,12 m, onde atingiu a camada-base.

Onde termina a coroa e começa o declive foi aberto outro corte estratigráfico semelhante, mas que só foi aprofundado até 0,35 m.

As camadas naturais do corte podem ser vistas no croqui. Até 1,50 m o sedimento é castanho-escuro, de 1,50 a 2,12 m o sedimento é mais escuro.

Os níveis artificiais são os seguintes (Figura 16):

0-0,07 m – grama;

0,08-0,25 m – sedimento castanho escuro, cor de café, bastante compacto, formando torrões. Material: 24 fragmentos de cerâmica, lascas de quartzo e rochas, fragmentos de ossos de animais;

0,26-0,50 m – sedimento castanho escuro, menos compacto. Material: fragmentos de cerâmica maiores (24), poucas lascas, fragmentos de ossos;

0,51-0,75 m – sedimentos semelhantes, mais arenosos, menos compactos. Material: 7 fragmentos de cerâmica, fragmentos de ossos;

0,76-1,00 m – como o anterior. Material: 3 pequenos fragmentos cerâmicos, lascas, fragmentos de ossos.

1,01-1,25 m – como os anteriores, 3 fragmentos de cerâmica;

1,26-1,50 m – como os anteriores. Sem material. Na profundidade de 1,32 m, no lado do declive, apareceu sedimento mais compacto, com grânulos de carvão, pedrinhas calcinadas e aproximadamente 0,20 m de espessura (ver croqui);

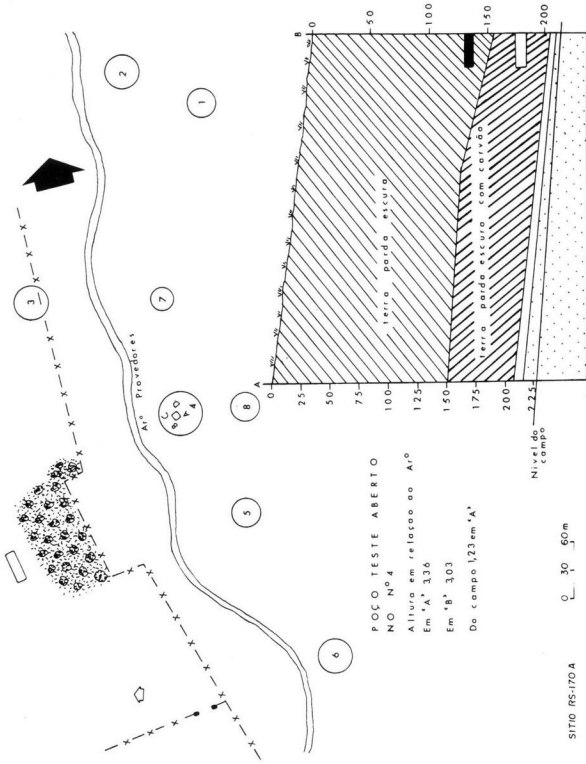


FIGURA 16 – Croqui do sítio RS-170 e perfil do corte I no cerrito 4.

1,51-1,75 m – aparece a mesma estrutura com interrupções de sedimentos mais soltos, coberta por um nível de sedimento mais claro, com espessura de 0,05 m, que poderia ser cinza, mas provavelmente é areia;

1,76-2,00 m – o mesmo, com grânulos de carvão, pedrinhas calcinadas;

2,01-2,12 m – a partir da metade do corte em direção ao centro, sedimentos claros, arenosos, soltos;

Aos 2,12 m, no centro do cerrito, começa o sedimento amarelado, que se encontra na base dos sítios. No campo, este sedimento amarelo está coberto por aproximadamente 0,10 m de areia, como no corte.

Em janeiro de 1972 foram realizados cortes nos cerritos 2 e 1 (Figura 17).

O **cerrito 2** dista do 4 aproximadamente 350 m.

O *primeiro corte*, medindo 2,00 x 1,50 m, foi aberto no ponto onde começa a coroa mais ou menos plana do cerrito. A coroa está bastante perturbada por buracos de touros, mas principalmente por numerosas covas de tatu, alguns da noite anterior à escavação. Atualmente a coroa está quase toda coberta por cardos, ao passo que os lados e os campos são limpos e apresentam pastos finos.

O sedimentos foram removidos em níveis artificiais de 20 cm. O material apareceu na seguinte proporção:

0-0,10 m – grama

0,11-0,30 m – 20 fragmentos de cerâmica, 5 lascas e 1 osso

0,31-0,50 m – 17 fragmentos de cerâmica; aumentou a quantidade de ossos; poucas lascas, grânulos isolados de carvão

0,51-0,70 m – 1 caco de cerâmica, alguns ossos, carvão ainda mais raro

0,71-0,90 m – ossos um pouco maiores e mais inteiros

0,91-1,10 m – 1 caco de cerâmica, algumas lascas, raríssimo carvão

1,11-1,30 m – somente uma lasca. O sedimento se torna mais compacto

1,31-1,45 m – nada foi encontrado, porque já se estava no sedimento estéril que compõe a camada superior dos campos.

O *segundo corte*, aberto em continuação ao anterior, para dentro da coroa, em direção ao centro do cerrito, e com as mesmas medidas e camadas e materiais parecidos. Nos níveis 3 e 4 pareceram coquinhos calcinados.

A escavação foi aprofundada até 1,45 m.

O perfil do corte 1, no lado mais baixo, em direção à periferia:

0,0,10 m – grama do campo e a camada mais densa de raízes

0,11-0,45 m – sedimento areno-argiloso, castanho-claro, escurecendo em profundidade, compacto, com muitas radículas da grama

0,46-1,18 m – sedimento areno-argiloso, castanho-escuro, com muitas raízes de grama

1,19-1,41 m – sedimento areno-argiloso, castanho-claro, muito compacto, solo original da base dos sítios, tendente cada vez mais ao castanho-ocre ou amarelado.

O **cerrito 1**, como o 4, está superficialmente perturbado, na parte da coroa, por buracos cavados por touros, que usam as elevações como dormitório.

Nele foram escavadas quatro quadrículas de 2,00 x 1,50 m, também em níveis artificiais de 0,20 m. As quadrículas foram abertas no lado do cerrito que está voltado para o arroio, que era a parte mais conservada. A quadrícula 1 alcança, no seu extremo voltado para o centro do cerrito, exatamente a periferia externa da coroa da elevação. As quadrículas 2 e 3 estendem-se em direção ao centro, ao passo que a 4 vai da quadrícula 1 para a periferia. A partir da periferia teríamos, então, quadrículas 4, 1, 2, 3, com 8 m de comprimento e 1,50 m de largura.

Quadrícula 1:

0-0,10 m – grama;

0,11-0,30 m – sedimento castanho-escuro, com bastante húmus, compacto, formando torrões, com alguns fragmentos de cerâmica (9), ossos de caça, queimados ou não, lascas;

0,31-0,50 m – sedimento como o anterior, com menos húmus, muito material arqueológico composto por fragmentos grandes de cerâmica com bordas e bases (62), ossos de mamíferos, duas pontas ósseas, grânulos de carvão, geralmente de madeira laminada;

0,51-0,70 m – as mesmas evidências, mas em menor quantidade. 41 fragmentos de cerâmica. Parou aqui a escavação.

Quadrícula 2:

0-0,10 m – grama; 5 fragmentos de cerâmica.

0,11-0,30 m – sedimentos como na quadrícula anterior. O material arqueológico encontra-se de preferência entre 0,20 e 0,30 m de profundidade, onde apareceu o crânio do sepultamento 1. Na transição para o seguinte nível apareceu o crânio do sepultamento 2. 24 fragmentos de cerâmica.

0,31-0,50 m – os mesmos sedimentos e materiais. Aparecem bem os sepultamentos 1 e 2. Aparece também o sepultamento 3. 38 fragmentos de cerâmica.

0,51-0,70 m – escavado só parcialmente por causa da limpeza dos sepultamentos. 10 fragmentos de cerâmica.

Na limpeza da parede foram recuperados mais 7 fragmentos cerâmicos.

Quadrícula 3:

0-0,10 m – grama;

0,11-0,30 m – regular quantidade de cerâmica (59), ossos, lascas, carvão;

0,31-0,50 m – bastante cerâmica (48), ossos, pouco lítico. Sobre a parede norte apareceram dois fragmentos da mandíbula do sepultamento 2. A cerâmica costuma aparecer em pequenas concentrações, junto com os ossos dos animais, nesta e nas outras quadrículas.

0,51-0,70 m – já no início do nível aparecem ossos longos do sepultamento 4. 7 fragmentos cerâmicos.

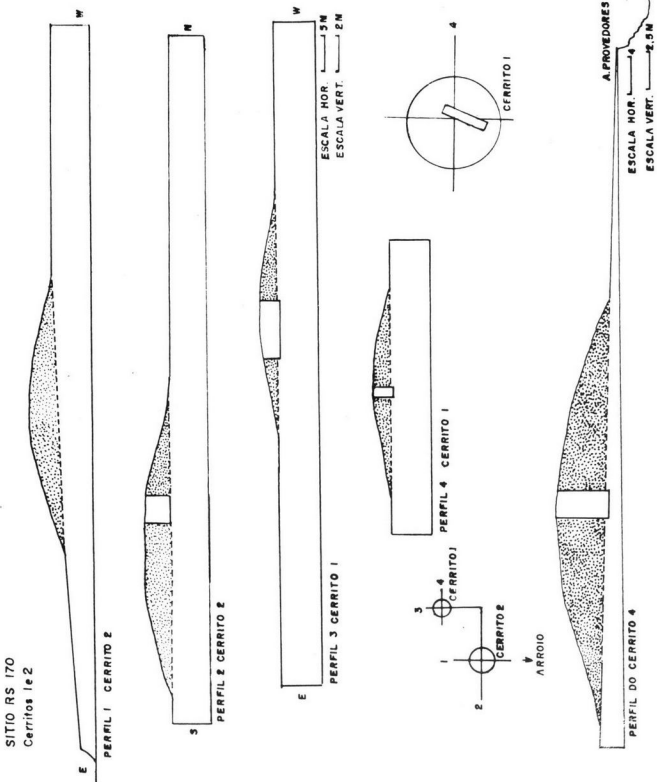


FIGURA 17 – Sitio RS-170 A, perfis dos cerritos 1, 2, 4.

Quadrícula 4:

0-0,10 m – grama;

0,11-0,30 m – 5 fragmentos de cerâmica; ossos de animais, lascas e um núcleo;

0,31-0,50 m – maior concentração de cerâmica (56 fragmentos; em separado foram recolhidos fragmentos agrupados de três vasilhas diferentes);

0,51-0,70 m – 1 fragmento cerâmico bem no fundo.

Nas quatro quadrículas o sedimento é parecido com o dos outros cerritos, i. é, areno-argiloso, castanho-escuro, compacto. O material arqueológico aparece mais abundante entre 0,20 e 0,40 cm de profundidade. Os sedimentos acima e ao redor dos esqueletos têm pouco material, ao passo que o mesmo se concentra nos demais espaços. A camada de greda amarelada da base começa a 1,00 m de profundidade, mas a partir de 0,60 m a cor e consistência dos sedimentos vão mudando.

Além da cerâmica, nos diversos cortes e coletas de superfície foram recolhidas 143 lascas, 15 núcleos, 2 bigornas-percutores, 2 bigornas, 1 bola de boleadeira, 36 fragmentos.

Os sepultamentos (Figura 18)

Sepultamento 1: Deposição primária, de indivíduo adulto. O esqueleto encontra-se orientado SE-NW, com a cabeça para SE. Em decúbito lateral esquerdo perfeito, a cabeça deitada sobre a orelha, o crânio esmagado; os braços dobrados sobre o peito, com as mãos próximas da mandíbula, mas caídas e não sobre o rosto. As pernas dobradas em ângulo reto com relação à coluna, de modo que os pés estavam junto à bacia, como quem está assentado sobre os calcanhares. Os braços e as pernas estavam em posição paralela, o que indica uma colocação propositada (Foto 1).

Não foi possível observar sinais de cova, devido à uniformidade dos sedimentos, mas a cova existiu porque nas camadas superiores ao esqueleto não apareceu quase cerâmica, ao contrário do que aconteceu nas áreas vizinhas.

Não se observaram oferendas funerárias.

Historicamente este foi o último dos sepultamentos; ele perturbou os dois sepultados anteriormente no mesmo local.

Do esqueleto foram recolhidos: o crânio e a mandíbula, ossos do braço e antebraço e algumas falanges da mão direita; idem da mão esquerda; vértebras e costelas; lado direito da bacia; ossos das pernas; falanges esparsas.

Sepultamento 2: Deposição primária, mas parcialmente perturbada pelo sepultamento 1, posterior; talvez também por outros fatores, de modo que faltam partes.

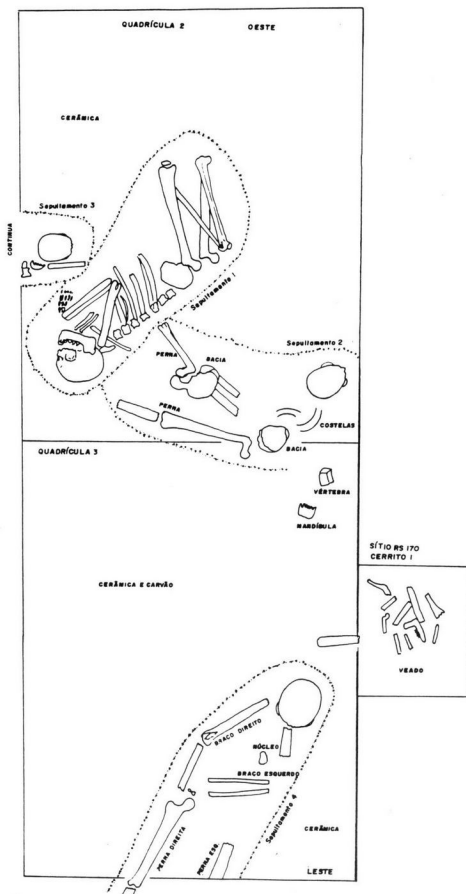


FIGURA 18 – Sítio RS-170 A, sepultamentos do cerrito 1.

Estão presentes: o crânio, que estava a 50 cm de distância; tanto o crânio, como a mandíbula estão bem conservados. Junto ao crânio havia diversas costelas em posições diferentes e a 40 cm estavam duas vértebras, que são as únicas encontradas; o lado esquerdo da bacia, juntamente com o fêmur e um osso da perna (em posição de articulados) estavam junto à parede da quadrícula 2-3; mais para o sul estava o outro osso da bacia, com o respectivo fêmur, mas sem os demais ossos da perna; acompanhavam uma costela e em direção ao crânio dois ossos longos que parecem ser de um antebraço. Entre o crânio e a perna direita havia um buraco de tatu bem visível, mas não é este provavelmente o causador da perturbação. Não se pode ver bem a posição do esqueleto por causa da dispersão dos ossos e de fragmentados que estavam. Os ossos da perna direita parecem ter sido retirados por ocasião do sepultamento nº 1; tudo indica que o esqueleto estava estendido completamente, inclusive as pernas. O crânio estava exatamente a 30 cm da superfície do terreno.

Foram recolhidos: crânio com mandíbula, duas vértebras, algumas costelas, dois fêmures, ossos da bacia lado esquerdo e direito, fragmentos de ossos longos provavelmente dos braços, ossos da perna esquerda, algumas falanges, que podem ser deste esqueleto ou do 1.

Não havia oferendas mortuárias.

O sepultamento foi anterior ao 1.

Sepultamento 3: Esqueleto de adulto. Na quadrícula apareceu um crânio amassado, com a mandíbula um pouco separada e um osso longo; dentro da parede surgiu uma vértebra, sugerindo que o resto do esqueleto pode estar no espaço do lado.

Ossos recolhidos: o crânio com a mandíbula, um pedaço de osso longo e uma vértebra.

Sepultamento 4: Deposição primária, de adulto, estendido, em decúbito dorsal, com leve inclinação para o lado esquerdo; o braço direito estendido ao longo do corpo, o esquerdo dobrado sobre o ventre. As pernas estendidas vão para dentro do espaço não escavado. Na altura do peito havia um núcleo de quartzito de bom tamanho.

Não foram encontrados vestígios de vértebras, costelas e bacia. Os ossos estavam todos muito frágeis, de modo que se notavam, mas não se pode recolhê-los.

Foi recolhido só o bloco de sedimento que continha o crânio com a mandíbula.

Sítio RS-170 B

Na mesma fazenda, mais perto da lagoa Mirim, em terreno alagadiço em tempo de chuva, na margem direita do arroio Provedores, encontrou-se um cerrito, outrora em campo limpo, agora plantado de milho (Figura 19).

Na proximidade existe mata natural.

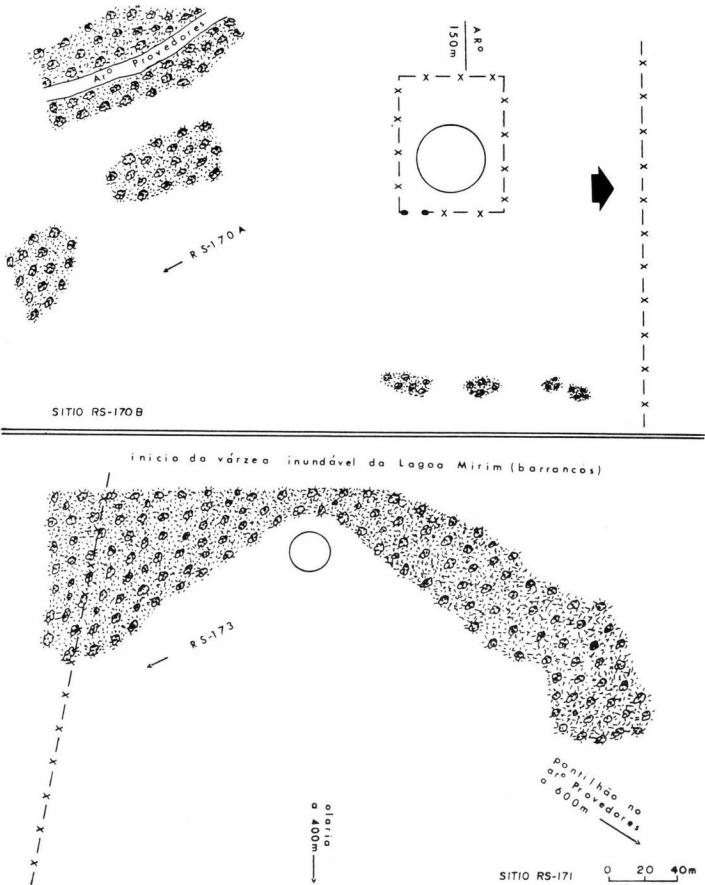


FIGURA 19 – Croquis dos sítios RS-170 B e 171.

Medidas: 40,00 m de diâmetro por 0,80 m de altura.

Em 26/01/1967 foi feita a documentação e foram recolhidas algumas lascas na superfície; não havia cerâmica.

Sítio RS-171

No mesmo campo, sobre a barranca alta (uns 5 m) da lagoa Mirim, à margem esquerda do arroio Provedores e a uns 500 m do mesmo, foi encontrado um cerrito (Figura 19).

A elevação que mede 24,00 m de diâmetro por 0,70 m de altura está em campo com grande quantidade de coronilhas e está parcialmente coberta pelo mato; a outra parte, que foi roça, está coberta de capim e carquejas. Esta é uma das poucas áreas do município que possui mato natural. Este e o RS-173 são os únicos cerritos conhecidos na borda da lagoa Mirim.

Em 26/01/1967 o cerrito foi documentado. Não se encontrou material de superfície.

Sítio RS-172 A, B

RS-172 A. Nos campos de Darci Antônio Rodrigues, Sucessão Rodrigues, no 4º distrito de Santa Vitória do Palmar, foram encontrados dois cerritos em terreno sujeito a alagação invernal, na margem esquerda do arroio do Eixo, que corre para o Del Rei (vulgo Marmeleiro) (Figura 20).

Nos arredores existem matas naturais.

Os dois cerritos estavam sendo cultivados.

Medidas: 1 30,00 m diâmetro 0,75 m altura
2 44,00 1,20

Em 27/01/1967 foi feita a documentação e realizada coleta superficial de grande quantidade de cerâmica indígena (256 fragmentos); também apareceu louça branca, garrafa de grês e vidro, 39 lascas de quartzo e outras rochas, 16 núcleos, 1 bola de boleadeira, 1 mão-de-polidor.

O RS-172B começa na cerca que fecha a roça.

RS-172 B. No campo vizinho, de Osmar Ferreira, há 4 cerritos, em campo limpo, 3 no lado esquerdo e 1 no lado direito do arroio, em terreno alagadiço no inverno (Figura 20).

Os barrancos são bastante altos. Sobre o cerrito 4 está o marco da Carta Geral.

Medidas: 3 28,70 m diâmetro 1,68 m altura
4 42,50 2,50
5 28,00 1,10
6 22,00 0,98

Em 27/01/1967 fez-se a documentação. Não se encontrou material superficial.

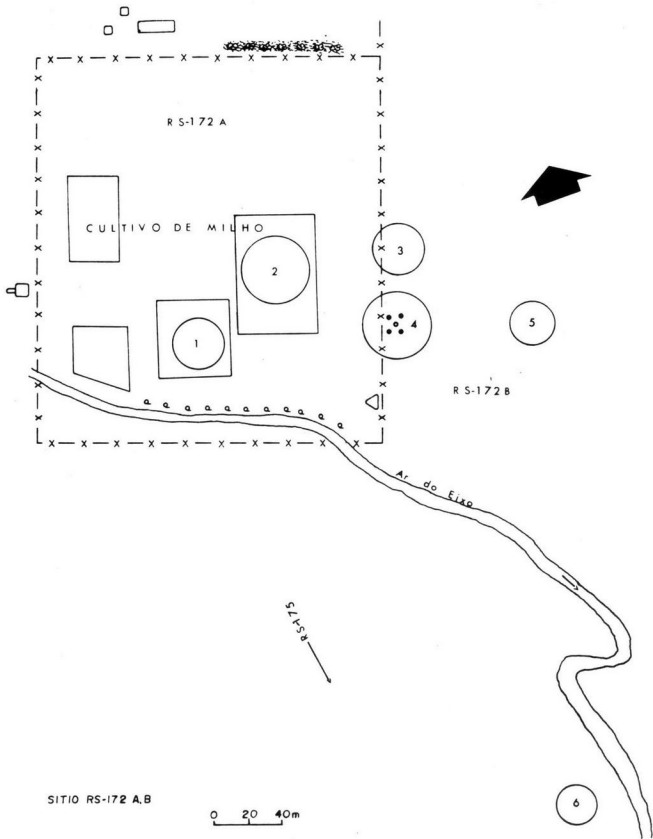


FIGURA 20 – Croqui do sítio RS-172 A, B.

Sítio RS-173

Nos campos de Nabor Ari Mendonça, Estância Santo Antônio, localidade de Provedores, 4º distrito de Santa Vitória do Palmar, foram encontrados dois cerritos, sendo um sobre a barranca da lagoa Mirim, que ali tem barrancas de 5 m de altura (no inverno as águas da lagoa chegam até o sítio, ao passo que no verão distam algumas centenas de metros). O outro um pouco mais afastado (Figura 21).

O cerrito sobre a barranca está parcialmente coberto pela mata ciliar da lagoa: mede 34,00 de diâmetro por 1,10 m de altura. O outro foi bastante destruído pela roça que nele existe desde mais de dois anos.

Em 28/01/1967 foi feita a documentação. Na oportunidade o proprietário doou diversas peças: 2 lâminas de machado, 2 moedores, 2 bigornas e uma bola de boleadora. Segundo informações do proprietário foi encontrada regular quantidade de cerâmica e outros objetos (p. ex. quebra-coquinhos), material que foi levado a Montevideo por um cunhado.

Material: 2 lâminas-de-machado, 2 mãos-de-polidor, 2 suportes de duas faces, 2 moedores, 2 bigornas, 1 bola.

Sítio RS-174 A, B

RS-174 A. Nos campos de Aires Cardoso, Estância Cerrito, 3º distrito de Santa Vitória do Palmar, a 50 m do arroio do Eixo, margem esquerda, foram encontrados 3 cerritos, que medem 1 – 40,00 m, 2 – 30,00 m, 3 – 30,00 m; a altura não foi anotada (Figura 21).

Sobre o maior, que foi parcialmente nivelado, está construída a casa. Sobre os outros dois existe um pomar e uma horta. São os únicos pontos altos do lugar, que estão fora do alcance das águas no inverno.

Não existe mato natural nos arredores. A maior parte foi transformada em granja.

Em 28/01/1967 foi realizada a documentação. Não foi recolhido material.

RS-174 B. São dois cerritos na várzea (granja), em terreno alagadiço, distante uns 3 km da casa. São bastante grandes e podem ser vistos de longe. Não foram visitados porque a estrada estava intransitável.

Outros dois cerritos, em campo limpo, em terreno alagadiço, também não foram visitados. Num deles houve uma casa, o outro é dormitório de animais.

Talvez haja ainda mais cerritos.

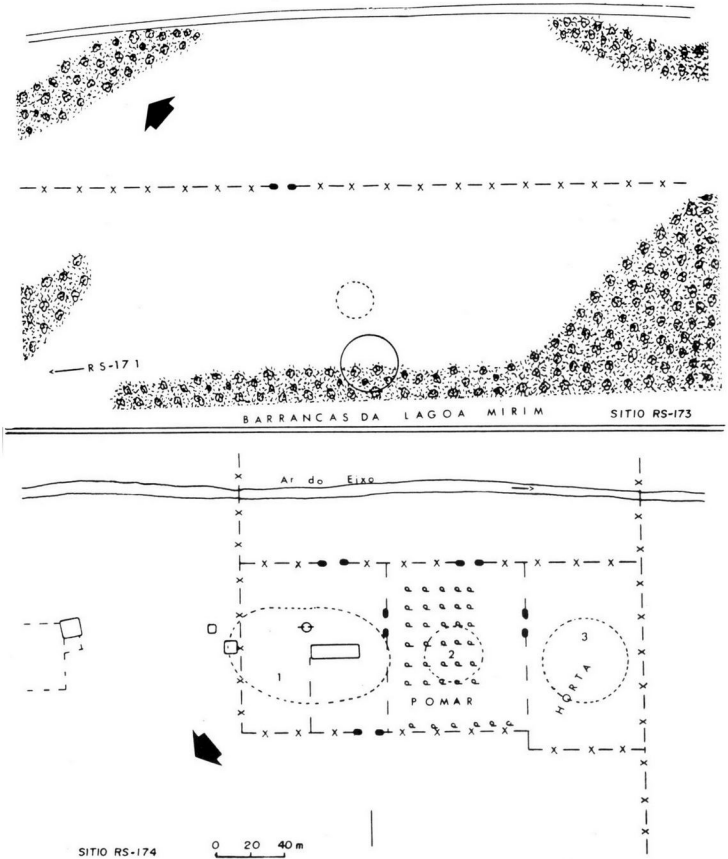


FIGURA 21 – Croquis dos sítios RS-173 e 174.

Sítio RS-175 A, B

RS-175 A. Em campos de Antônio Marasco, Km 161 da BR, 3º distrito de Santa Vitória do Palmar, foram encontrados 3 cerritos, em campo limpo, sobre barrancos altos do arroio do Eixo, margem esquerda.

Nos arredores não existem matas naturais.

Medidas:	1	48,00 m diâmetro	2,48 m altura
	2	36,50	2,08
	3	35,80	1,57

No nº 1 está o marco da Carta Geral; suas barrancas estão erodidas pelas águas do arroio (foto 2).

O nº 2 está separado do 1 por uma pequena sanga de barrancas altas.

O nº 3 está a maior distância.

Em 28/01/1967 foi feita a documentação e recolhidos 14 fragmentos de cerâmica na barranca junto ao nº 1.

RS-175 B. Do outro lado do arroio, na fazenda de Antônio de Oliveira Rota, existem mais 3 cerritos, em campo limpo e terreno inundável durante as cheias. Não existe mata natural nos arredores.

Medidas:	4	43,00 m diâmetro	1,70 m altura
	5	35,00	1,68
	6	15,00	0,30

Os cerritos nunca foram cultivados. Sobre o 4 existe um saleiro de cimento para os animais; o cerrito está circundado por pequena valeta. O 5 está circundado por uma vala dupla.

Em 28/01/1967 foi feita a documentação. Não se encontrou material superficial.

Sítio RS-176

Nos campos de Análio Rodrigues Rota, Estância Santa Tereza, 2º distrito de Santa Vitória do Palmar, foram encontrados 4 cerritos nas nascentes do arroio Del Rei, margem esquerda.

São de pequeno tamanho e cobertos de roça de milho; antes eram plantados de eucalito.

Os cerritos foram apenas localizados de longe e sobre eles foram recolhidas informações.

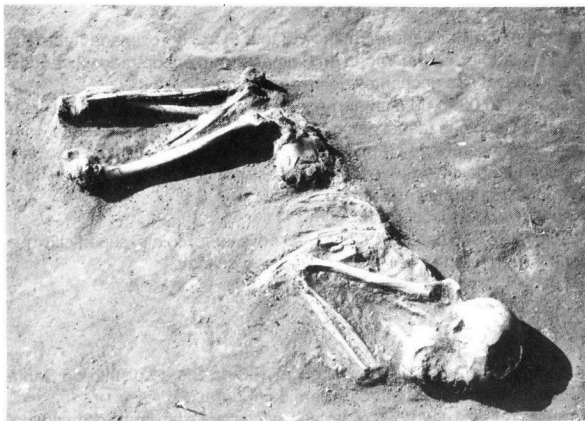


FOTO 01 – Sepultamento 1, cerrito 1, sítio RS 170 A.



FOTO 02 – Sítio 175 A, cerrito 1, na borda do arroio do Eixo.

Sítio RS-178

Nos campos de Rui Sandri, Estância Santa Flora, aproximadamente Km 185 da BR, 1º distrito de Santa Vitória do Palmar, foram encontrados 2 cerritos, em terreno inundável nas enchentes de inverno (Figura 22).

O primeiro (30,00 m de diâmetro por 1,70 m de altura) está às margens do banhado dos Canelões (canal natural) junto a um mato de eucalitos.

O segundo encontra-se no meio do banhado e não foi visitado porque o banhado é muito fundo e as dimensões são menores que as do primeiro.

Não há matos naturais nos arredores.

Nenhum dos dois foi cultivado.

Em 30/01/1967 foi feita a documentação e uma coleta superficial que proporcionou 1 fragmento de cerâmica e ossos de animais.

Sítio RS-179

Nos campos do Dr. Clóvis Teixeira, Km 180 da BR, 1º distrito de Santa Vitória do Palmar, foram encontrados 2 cerritos (Figura 22).

O de número 1 está uns 1.500 m da casa, encostado a um braço do banhado, que inunda toda a área. Mede 35,00 m de diâmetro por 1,00 m de altura.

O de número 2 situa-se diante da casa, num cercado, com cultivo de milho e mogangos; tem aspecto de tapera. Nele foram encontrados louça e vidro. Não se encontrou material indígena.

O cerrito de número 3 não foi visitado; está nos fundos da casa, a uns 200 m, num cercado plantado de milho.

Não existe vegetação arbórea nos arredores.

Em 30/01/1967 realizou-se a documentação. Não foi recolhido material.

Sítio RS-180

Nos campos de Ramão Lima, Sucessão Abel Correa, Km 183 da BR, 1º distrito de Santa Vitória do Palmar, foram encontrados 3 cerritos, junto ao banhado dos Canelões (Figura 23).

O 1º (37,50 m de diâmetro por 1,80 de altura) é uma elevação bastante regular, nunca foi cultivado, mas encontra-se bastante escavado pelos touros.

Os outros dois estão mais além, dentro do banhado: são de maior tamanho, cobertos de grama e nunca foram cultivados.

Não se notou vegetação arbórea natural nos arredores.

Os cerritos estão próximos a outros do banhado dos Canelões, que formam ali um conjunto bastante denso.

Em 30/01/1967 foi feita a documentação no 1. Do 2 e 3 só existe a informação do proprietário.

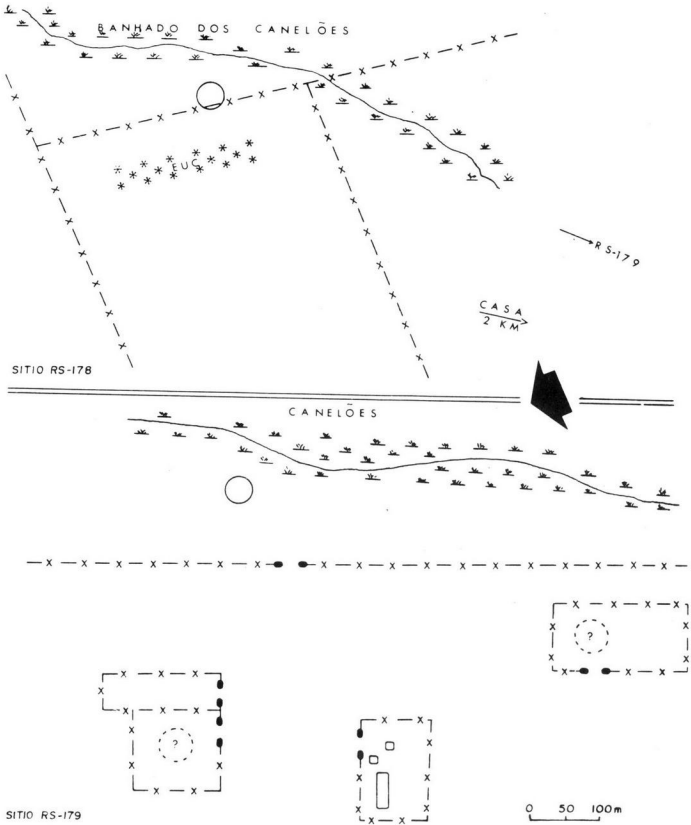


FIGURA 22 – Croquis dos sítios RS-178 e 179.

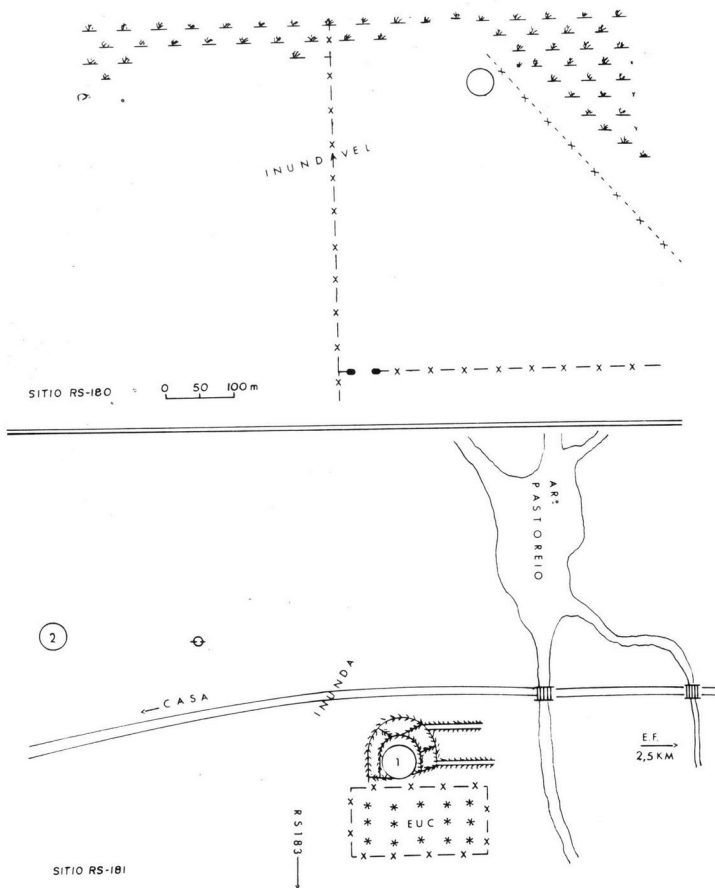


FIGURA 23 – Croquis dos sítios RS-180 e 181.

Sítio RS-181

Nos campos de Adalberto Pereira Estrela, Estância São Pedro, Km 159 da BR, 1º distrito de Santa Vitória do Palmar, em campo limpo, inundável no inverno, à margem direita do arroio do Pastoreio, foram encontrados 2 cerritos (Figura 24).

O cerrito nº 1 (51,70 m de diâmetro por 2,34 m de altura), que está mais próximo do arroio, é circundado por uma valeta na base e mais uma a certa altura do declive. Nunca foi cultivado. Nas proximidades existe um mato de eucalito.

O cerrito nº 2 (37,00 m de diâmetro por 1,00 m de altura) está a uns 500 m de distância, já foi roça de milho e está bastante destruído. Entre o 1 e 2 existe uma cacimba, com bebedouro para os animais.

Em 30/01/1967 foi feita a documentação.

Sítio RS-182 A, B

RS-182 A. Nos campos de Edor Oliveira, Sucessão João Maria Oliveira, Médanos, 2º distrito de Santa Vitória do Palmar, foram encontrados 6 cerritos, em campo limpo, dispostos ao longo de um braço do arroio do Pastoreio, margem direita. Tem aspecto de dunas.

Medidas:	1	82,50 x 55,30 m	1,50 m
	2	38,50	1,40
	3	19,00	1,00
	4	39,00	1,50
	5	32,00	1,20
	6	20,50	0,80 (Figura 24)

O cerrito 1 tem em cima uma grande figueira. Segundo informações, a uns cem anos houve uma casa sobre ele. Foi cultivado durante bastante tempo. Ao redor existem valetas. Próximo fica a casa do proprietário do 182b, dentro de um mato de eucalito. Em direção à estrada existe mato natural. – Este cerrito tem o formato de uma duna alongada. Dista do arroio aproximadamente 1 km, é bastante grande e com muitos buracos.

O cerrito 2 está em meio a um terreno inundável, com grama mais rala que no 1, do qual dista 210 m. Está perturbado por buracos de coruja. Depois de uma pequena depressão vem o 3.

O cerrito 3 dista 51,80 m do banhado. Tem formato mais alongado. Parece uma duna que vai até o banhado; a vegetação é muito rala. O sedimentos são bastante arenosos e mais claros que nos outros cerritos. Da base do cerrito ao banhado a vegetação se torna mais espessa.

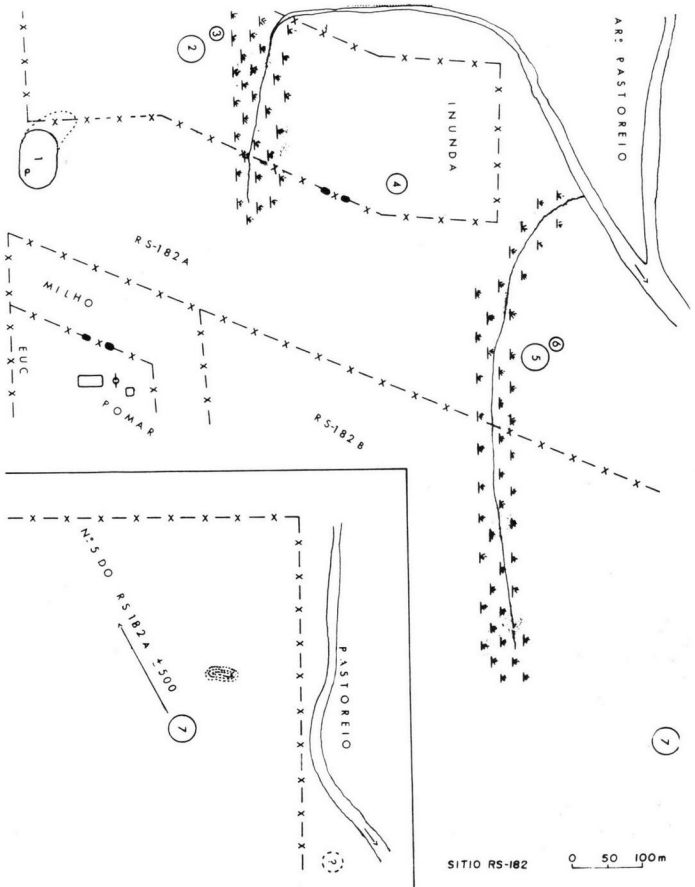


FIGURA 24 – Croqui do sítio RS-182.

O cerrito 4 é mais circular. Tem a mesma vegetação rala e as mesmas características dos outros. Está a 45 m do barranco do arroio e 130 m da cerca que o separa do cerrito 5.

O cerrito 5 dista 235 m do 4, tem a forma circular e está coberto por grama rala e cardos. A terra está à mostra e existem muitos buracos feitos por touros.

O cerrito 6 dista 5 m do cerrito 5. A vegetação e o solo são iguais aos do anterior.

O desnível do 5 e do 6 em relação ao barranco do arroio, numa distância de cem metros, é de 1 m. O braço do arroio tem, ali, uns 70 m de largura.

Em 31/01/1967 foi feita a documentação. Segundo informações, na oportunidade de fazerem buracos em busca de tesouros no cerrito, teria sido encontrado material arqueológico, que não foi guardado.

RS-182 B. No campo vizinho, de Alfredo Lino de Souza, foi encontrado um cerrito, na margem direita do arroio do Pastoreio (Figura 24).

A casa do proprietário fica junto ao cerrito 1 do RS-182a e toda a área entre o cerrito e a casa está sujeita a inundações. O cerrito foi cultivado com milho durante 4 anos e seu topo foi nivelado para facilitar o plantio.

Não existe mato natural nos arredores.

Em 31/01/1967 foi feita a documentação. Nesta oportunidade o proprietário do campo doou material que teria sido encontrado no cerrito: 1 bola de boleadreira, 1 batedor de arestas, 2 polidores e 2 seixos polidos.

RS-182 C. Na outra margem (esquerda) do arroio do Pastoreio, também em terreno inundável, foi visto mais um cerrito, que parece muito grande e está junto de antiga tapera. O proprietário do campo é Francisco Araújo, Km 155 da BR.

Sítio RS-183

Nos campos de Oldo Acosta, na estrada que liga a BR, no Km 158, à estrada de Geribatu, 2º distrito de Santa Vitória do Palmar, junto à ponte, na margem esquerda do arroio do Pastoreio, em campo inundável, encontram-se 2 cerritos, ambos parcialmente cobertos por campo e parte por gravatás e árvores de antiga cerca. O primeiro mede 55,00 m de diâmetro por 2,53 m de altura, e o segundo 32,00 m por 0,92 m (Figura 26).

Na margem direita do arroio, do outro lado da estrada, existe outro cerrito, um pouco mais afastado do arroio, e com elevação maior, sobre o qual está uma casa, cercada de árvores.

Em 31/01/1967 foi feita a documentação dos dois primeiros.

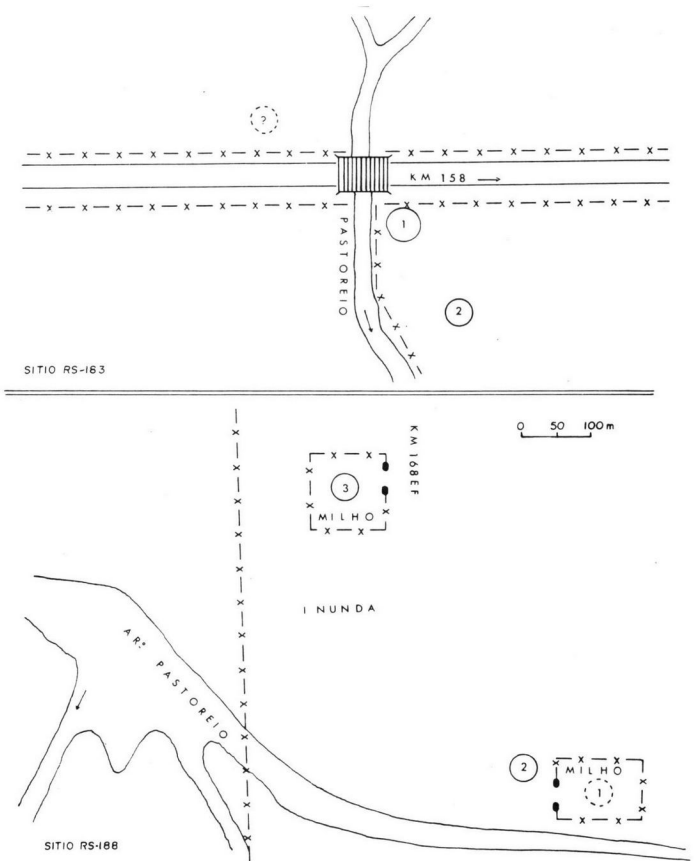


FIGURA 25 – Croquis dos sítios RS-183 e 188.

Sítio RS-184 A, B

RS-184 A. Na Sucessão Aracelino Ferreira, aproximadamente Km 146 da BR, em campo limpo, em terreno inundável, na margem direita do arroio Del Rei, encontram-se 2 cerritos, distantes um do outro aproximadamente 200 m, segundo informação do capataz Osmarino Ferreira, em 01/02/1967.

RS-184 B. Na Sucessão Echevarria, Km 151 da BR, em campo limpo, em terreno inundável, à margem do arroio Del Rei, foi encontrado um cerrito.

A informação é do capataz geral dos campos do Dr. Osmarino Terra (Km 154), Sr. Alenir Barcelos, em 01/02/1967.

Sítio RS-185 A, B, C

RS-185 A. Nos campos da Viúva Helena Rota, Km 161 da BR, localidade de Arvore Só, 2º distrito de Santa Vitória do Palmar, em campo inundável, foram encontrados 3 cerritos (Figura 26).

O de número 1, à margem esquerda, os de número 2 e 3 à margem direita do arroio Del Rei. O de número 2 fica junto a um mato de eucalitos. As margens do arroio aí são altas. O 2 dista do 1 aproximadamente 1 km. O 3, coberto de grama, está no mesmo potreiro que o 2, do outro lado do mato de eucalitos.

Medidas:	1	85,80 x 41,60 m por	2,56 m
	2	30,00	1,00

Em 01/02/1967 foi feita a documentação e foi coleta superficial, que rendeu lascas e fragmentos de ossos de animais.

RS-185 B. Nos campos de Ari de Souza, Km 161 da BR, no segundo distrito de Santa Vitória do Palmar, em campo limpo e terreno alagável, junto ao arroio Del Rei, foram encontrados dois cerritos (Figuras 26 e 27).

O cerrito 1 está aproximadamente 730 m do 1 do RS-185a, a 42,10 m do arroio e 218 m do 2 do RS-185b. Os dois têm a forma irregular, o topo bastante perturbado. O 2 forma barranca sobre o arroio.

Medidas:	1	28,20 m diâmetro	1,20 m altura
	2	42,00	1,68

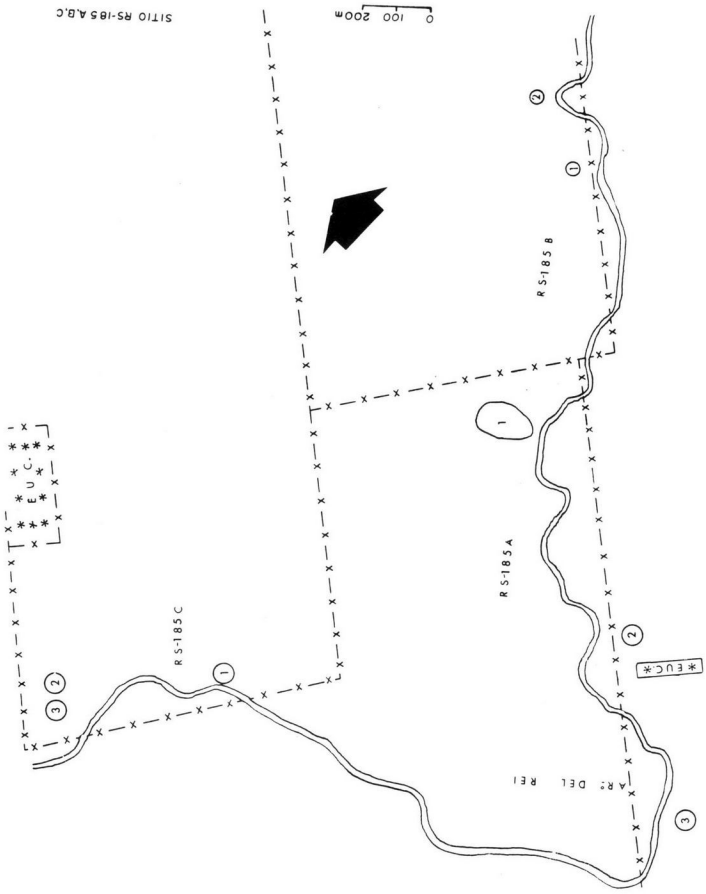


FIGURA 26 – Croqui do sítio RS-185 A, B, C.

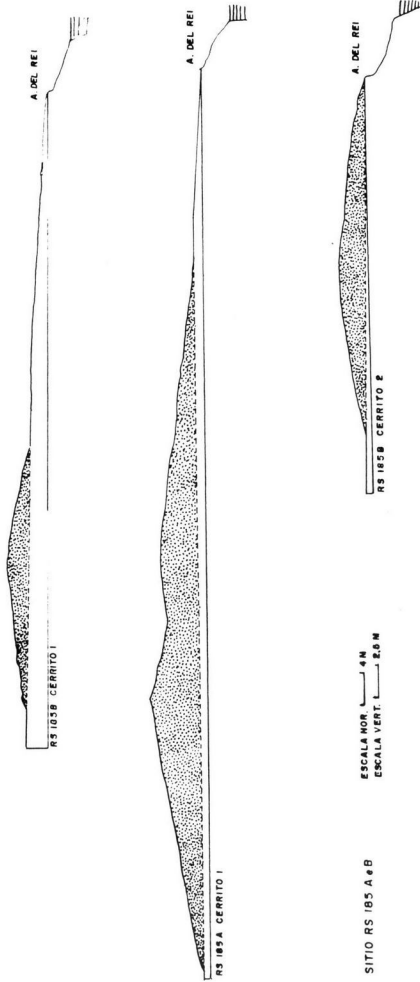


FIGURA 27 – Sítio RS-185 A, perfil do cerrito 1, RS-185 B, cerritos 1 e 2.

Em 01/02/1967 foi feita a documentação.

RS-185 C. No campo vizinho, de Calixto Pereira, em campo limpo e terreno inundável, à margem esquerda do arroio Del Rei, foram encontrados 3 cerritos. O arroio neste ponto tem barrancas altas.

Um deles está isolado no campo, enquanto os outros estão juntos, próximos a um mato de eucalito.

Medidas:	1	30,30 m diâmetro	2,00 m altura
	2	30,00	1,20
	3	30,00	1,20

Em 01/02/1967 foi feita a documentação.

Sítio RS-186

Nos campos de Tito (ou Justo) Fernandes, Km 162 da BR, localidade de Arvore Só, 2º distrito de Santa Vitória do Palmar, em campos limpos, sujeitos a inundações, foram encontrados numerosos cerritos (ao menos 7), junto ao arroio Del Rei.

Alguns estão parcialmente cobertos por mato natural e gravatás plantados.

Em 10/02/1967 realizou-se apenas a inspeção de longe e se colheram informações.

Sítio RS-187

Nos campos de Atilio Dias, Km 166, localidade de Arvore Só, 2º distrito de Santa Vitória do Palmar, em terreno inundável próximo a uma lagoa ligada ao arroio Del Rei, foi encontrado 1 cerrito, de tamanho regular, isolado, nunca cultivado.

Segundo informações do filho do proprietário, em 01/02/1967.

Sítio RS-188

Nos campos de Paulino Maria Acosta, Km 168 da BR, no 2º distrito de Santa Vitória do Palmar, na margem esquerda do arroio Del Rei, foram encontrados 4 cerritos. 2 estão encostados no arroio, em terreno baixo, 2 estão na margem do coxilhão, sobre o qual corre a BR (Figura 25).

O de nº 1 (1,00 m de altura) é roça de milho e está dentro de um aramado; dista do 2 aproximadamente 30 m.

O 2 (42,70 m de diâmetro por 1,70 m de altura) dista 67 m do arroio, tem alguns buracos de touro no topo e encontra-se coberto por uma grama mais fina que a do campo.

O 3 (30,00 m de diâmetro por 1,50 m de altura) também é roça de milho; vem sendo lavrado desde muitos anos. Está dentro de uma cerca e dista em torno de 350 m do 1.

O 4 está a 100 m do 3; encontra-se muito erodido e é duvidoso; tem aspecto de barreiro; está a 30 m da BR.

Em 01/02/1967 foi feita a documentação e uma coleta de superfície, que rendeu poucas lascas.

Sítio RS-189 A, B

RS-189 A. Nos campos de Julião Terra, Estância Boa Vista, Km 176 da BR, em terrenos inundáveis, foram encontrados 5 cerritos, dos quais 3 na margem esquerda e 2 na margem direita do arroio Del Rei. Quatro estão em campo limpo e um está plantado de milho (Figura 28).

Não existe mata natural nos arredores.

Medidas:	1	31,00 m diâmetro	0,65 m altura
	2	27,00	0,25
	3	34,40	1,28
	4	43,20	1,60
	5	não medido	

O 1 está a 15 m do banhado; encontra-se coberto de grama e cardos.

O 2 está a 96 m do 1 e a 75 m do arroio, com desnível de 1 m para o nível da água atual.

O 3 está bastante afastado do 2 e dista do banhado 9,50 m; o desnível do cerrito em relação ao banhado é de 0,45 m.

O 4, à margem direita do arroio, junto ao mato de eucalitos, dista do arroio uns 100 m, com um desnível de 0,80 m.

O 5 está a 500 m do 4: está plantado com milho.

O banhado tem junco alto e abundante caça: ratão, jacá, jaçanã, saracura, cabeça-de-ferro, marrecão, bagre, traíra e gastrópodos de água doce.

Em 01/02/1967 foi feita a documentação.

RS-189 B. Na margem esquerda do mesmo arroio, em terreno inundável, em campo limpo, num posto da fazenda distante em linha reta mais ou menos 2 km da fazenda Boa Vista, o capataz informou que existem mais 3 cerritos.

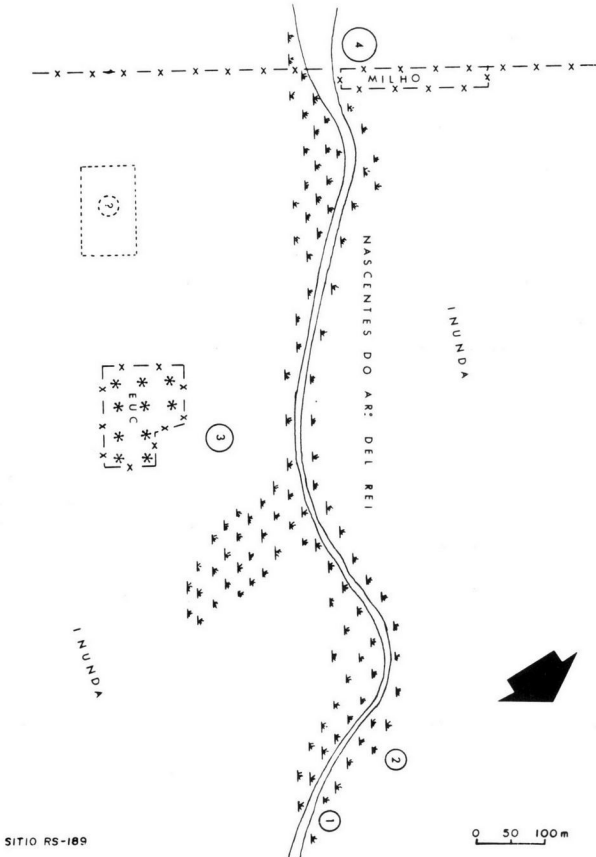


Figura 28 – Croqui do sítio RS-189.

Sítio RS-190

Numa faixa de uns 500 m ao norte do cais do porto de Pindorama, da cidade de Santa Vitória do Palmar, o Dr. Emídio P. Martino, da Farmácia Carmen, encontrou superficialmente na praia e recolheu muitas pontas-de-projétil, algumas dezenas de fragmentos de cerâmica, uma boleadeira, lascas e núcleos de diversos tipos de rocha, dentes de mamíferos grandes.

Também visitamos o lugar em 08/02/1967 e recolhemos material: 94 lascas, 39 núcleos, 2 percutores, 1 bola de boleadeira, 67 fragmentos líticos, 87 fragmentos de cerâmica.

O MATERIAL CERÂMICO

As amostras conseguidas no trabalho de campo eram excessivamente pequenas e fraturadas para uma boa classificação inicial. Por isso, a cerâmica usada para estabelecer os tipos, como aparecem neste trabalho, foi a da coleção Emídio P. Martino.

Como se trata de uma cerâmica simples, na produção, no acabamento e na forma, usamos o antiplástico como primeiro elemento diferenciador, que vai dar o gênero dos tipos; e usamos o acabamento da superfície como diferenciador dentro do gênero, dando origem à espécie do tipo.

Os antiplásticos foram separados, pelo tamanho da granulação, em areia fina, eventualmente com algum grânulo maior (Cerritos) e areia grossa (Palmares). O acabamento da superfície pode ser o alisado (chamado aqui simples), o corrugado e o ponteadado. Os fragmentos com antiplástico de areia fina são 82,78% do total dos fragmentos, sobrando apenas 17,21% para os fragmentos com antiplástico grosso.

Combinando o antiplástico com o acabamento da superfície se criaram os seguintes tipos: Cerritos simples, Palmares simples, Palmares corrugado e Palmares ponteadado. Como as diferenças se encontram principalmente nos antiplásticos e suas repercussões e os fragmentos alisados são a quase totalidade, descrevemos os dois tipos simples e indicamos o acabamento da superfície dos demais.

O tipo **Cerritos simples** tem manufatura acordelada, que é indicada por positivos e negativos de roletes nas fraturas. O antiplástico é constituído por areia fina, com grânulos até 1 mm, bem distribuída na pasta. Existem fragmentos mais argilosos e outros com grânulos isolados um pouco maiores. A textura é uniforme, muito compacta, mas friável com exceção dos fragmentos argilosos, nos quais se observam laminações no sentido dos roletes e/ou laminações irregulares. A fratura é irregular. A cor do núcleo é cinza escuro, entre paredes geralmente também cinza escuro, às vezes cor de tijolo externamente e cinza

escuro internamente. A queima parece redutora. A dureza é 3 graus na escala de Mohs.

A superfície externa tem cor variando entre cinza escuro, pardo amarelado e alguns fragmentos cor de tijolo e apresenta marcas de fuligem. A superfície interna é predominantemente cinza escuro, com raros fragmentos de cor castanho.

O tratamento da superfície externa é um alisamento bom, com algumas marcas do objeto alisador. Em alguns pontos o alisamento se apresenta um pouco truncado. Fragmentos pequenos podem estar muito erodidos. A superfície interna, em geral, é bem alisada e a fina camada superficial está bastante trincada; quando não está erodida, vêem-se pequenas cavidades e fendas em vários sentidos.

Dos elementos de forma temos a espessura das paredes, que varia entre 4 e 10 mm, com maior incidência entre 4 e 7 mm; as bordas, em geral, diretas, raramente afinadas; os lábios arredondados. A abertura da boca varia entre 28 e 46 cm. As bases são arredondadas. As formas reconstituídas se apresentam como tigelas e painéis rasas. Diversas peças com forma de tigelas têm furos nas bordas (Figuras 29 e 30) .

O tipo **Palmares simples** tem manufatura acordelada. O antiplástico é constituído por areia grossa, com grânulos até 5 mm, densamente distribuída na pasta. A textura é uniforme, compacta, não friável, com algumas fendas horizontais. A fratura é irregular, às vezes no sentido dos roletes. O núcleo é cinza escuro em toda a espessura, às vezes metade cinza, metade parda-cento entre paredes castanho ou cinza-chumbo. A queima é uniforme. A dureza talvez um pouco maior que no tipo Cerritos, por causa da grande quantidade de quartzo.

O superfície externa tem cor variando entre tonalidades de cinza, castanho amarelado e avermelhado, às vezes com manchas mais escuras provenientes da queima e fuligem do uso. A superfície interna apresenta tonalidades semelhantes, mas nem sempre a cor interna e externa coincidem.

O tratamento geralmente é regular; às vezes irregular, apresentando leves aprofundamentos; freqüentemente a fina película superficial se apresenta trincada. Mas geralmente a superfície externa está muito erodida, aparecendo o denso antiplástico. A superfície interna, em geral, é bem alisada, como a do Chuí simples; quando erodida aparecem os grãos do antiplástico.

O elementos de forma não se distinguem daqueles de Cerritos simples.

Os **tipos decorados** têm a pasta Palmares e se distinguem apenas pelo tratamento da superfície externa.

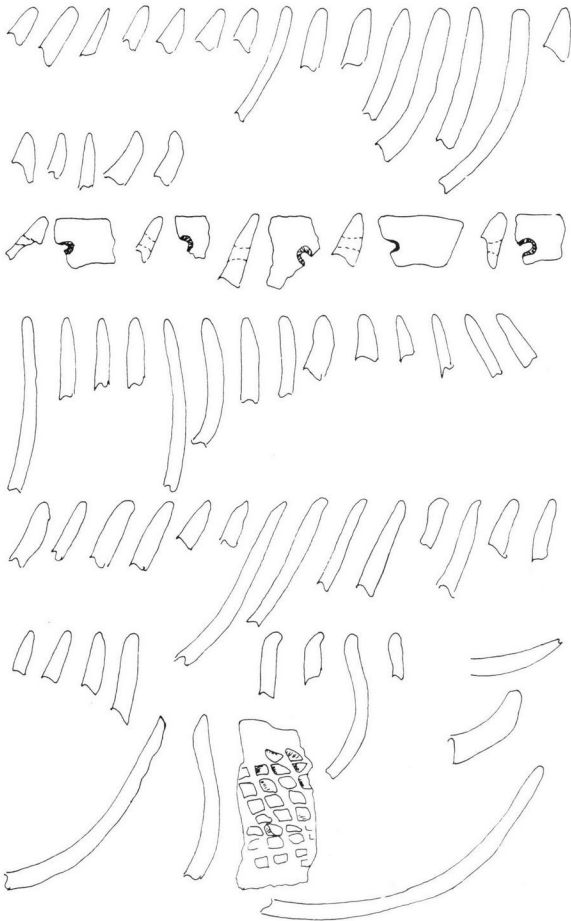


Figura 29 – Bordas da cerâmica de tradição Vieira.

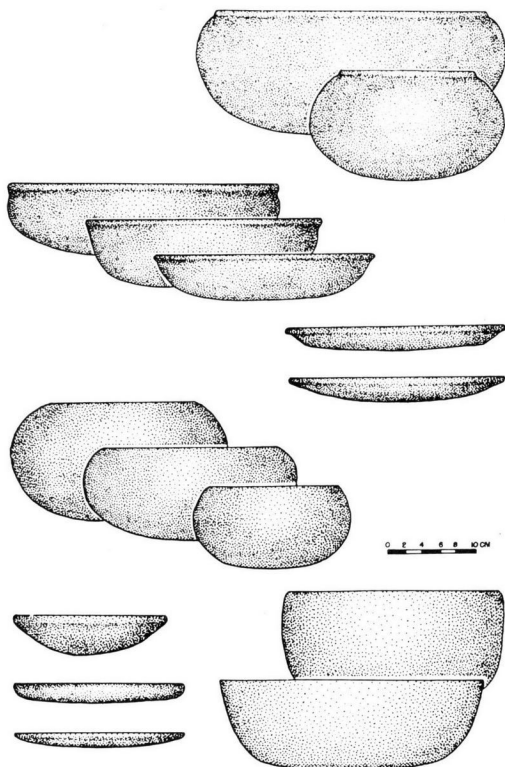


Figura 30 – Reconstituição de modelos das formas da cerâmica Vieira

Os poucos fragmentos corrugados apresentam a superfície externa coberta por impressões da polpa do dedo, dispostas de forma regular em linhas paralelas à borda, que se estendem desde uns 2 cm do lábio até a base, onde há impressões irregulares de esteira ou cesta. A abertura da boca vai de 24 a 36 cm. O corrugado não se distingue do corrugado Tupiguarani e pode ter esta origem.

Os fragmentos ponteados têm a superfície externa coberta por pequenas depressões feitas com ponta rombuda, que se distribuem com certa regularidade. A abertura da boca vai de 24 a 36 cm. O ponteadado lembra acabamento da superfície existente na fase Vieira de Rio Grande, em período posterior ao contato com o Tupiguarani.

O MATERIAL LÍTICO

Para a análise do material lítico dos sítios visitados identificamos em primeiro lugar a matéria-prima. De todas as peças analisadas (1.825), 81% são de quartzo. Os 19% restantes são de rocha vulcânica, granito, riolito, diorito, quartzito, calcedônia, arenito, siltito, hematita, rocha sedimentar e ágata.

O segundo passo foi classificar as peças tipologicamente em lascas, núcleos, fragmentos e artefatos.

As lascas, núcleos, fragmentos e uns poucos artefatos das tabelas 1, 2, 3 vêm das pesquisas por nós realizadas. Mas a quase totalidade dos artefatos usados para a caracterização dos tipos vem de coleções. A mais rica é a de Emídio P. Martino; a dos irmãos Mário e Sara Donato é menos variada, mas também rica.

As coleções aumentaram consideravelmente o número de peças para cada uma das categorias. A única de que não havia representantes em nossos trabalhos de campo foram as pontas-de-projétil (Figura 31), numerosas na coleção de Emídio P. Martino (228) e também na coleção de Mário e Sara Donato (40) e que, aparentemente, são todas de sítios coloniais, como o do Porto Pindorama. A matéria-prima das pontas-de-projétil é predominantemente calcedônia, aparecendo em escala menor madeira petrificada, arenito silicificado, quartzo e xisto. Nas pontas aparece retoque por pressão, embora não possamos afirmar que esta seja a técnica usada em todas. Junto com elas aparecem numerosas lascas unipolares primárias, secundárias, algumas com alguns retoques formando instrumentos como pequenas facas, pontas-entre-entalhes, raspadores, bicos e *pederneiras* e outros bifaces que parecem pré-pontas (Figura 32).

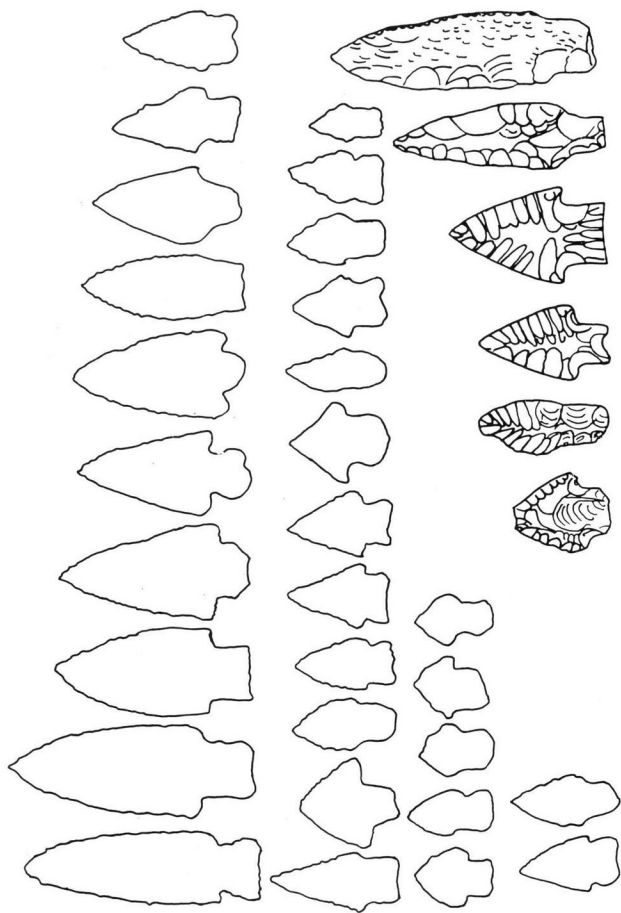


Figura 31 – Amostra de pontas-de-projétil das coleções



Figura 32 – Amostra de material lascado da coleção Emídeo P. Martino.

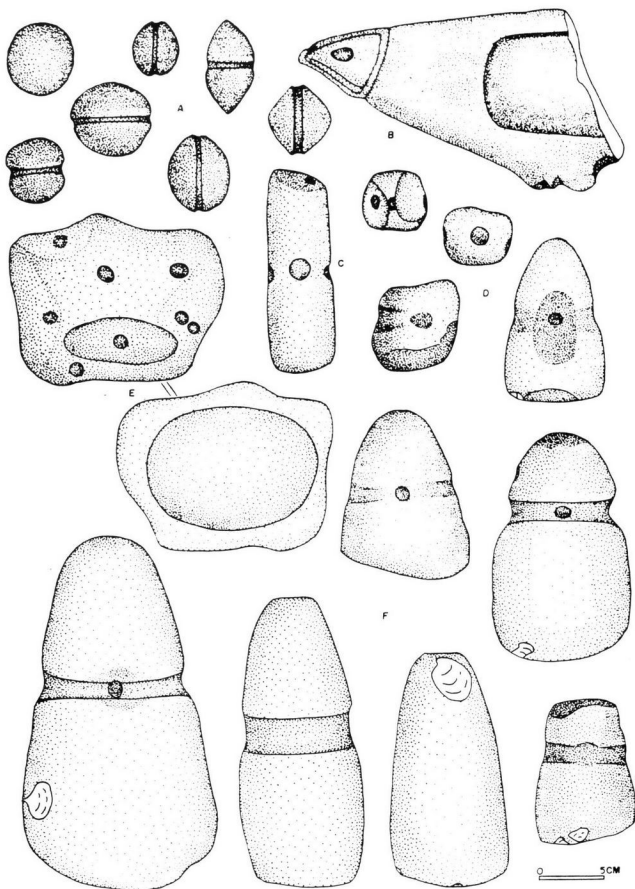


Figura 33 – Artefatos líticos típicos.

Tabela 01 – Material lítico dos sítios estudados.

Sítio	Lascas		Núcleos	Seixos quebrados p/apoio	Percutor e/ou Pol.	Bigorna/Percutor	Bigorna/Percutor/Polidor	Bigorna	Bolas de Boleadeira	Raspadores	Frag.	Mat. de Cont.	Total
	7	Cort Sec.											
RS-177	7	190	21	1	1	1			1		37		259
RS-160		12	2								10		24
RS-161	1	13	6								21		41
RS-162	2	35	18	2	1				3		20		81
RS-163	1	199	35			1			1		67		304
RS-164		23	4						5		7		39
RS-165		60	11								33		104
RS-167	3	20	6		2						14		45
RS-168		25	3								11		39
RS-169		21	3								7		31
RS-170	5	138	15			2		2	1		36		199
RS-172		39	16						1			x	56
RS-173								2	1				3
RS-177		3	1							1			5
RS-182		6	2										8
RS-190		94	39		2				1		67	x	203
RS-158	5	198	11								41		255
RS-136		31	5								18		54
Mat. Doador			4			1	3	4	2				14
TOTAL	24	1107	202	3	6	5	3	8	16	1	389		1764

As coleções chamaram atenção para os sítios do litoral, em áreas de dunas móveis, nas praias de Hermenegildo e Maravilhas. Hermenegildo foi por nós visitada, mas não se localizou, com precisão, nenhum sítio. Na coleção Donato há materiais de vários sítios de Maravilhas, que não chegamos a visitar. Como os sítios RS-162 e 190, podem ser coloniais, mas isto é preciso verificar.

Excluído o material de sítios coloniais, as lascas, núcleos e fragmentos dos sítios costumam provir de retalhamento bipolar de seixos mais ou menos rolados, originários de formações cristalinas. Raramente se percebe lascamento unipolar. O material é pequeno, tosco e não mostra retoques, nem sinais de uso. Não se percebe qual teria sido o produto intencionado. Talvez até pontas-de-projétil.

Os artefatos característicos dos sítios pré-coloniais, quer os provenientes de nossas pesquisas, quer os das coleções, são seixos ou pequenos blocos que tomaram sua forma a partir de simples uso, ou de picoteamento, alisamento e polimento. Podem ter superfícies ativas e passivas na mesma peça. Foram classificados como alisadores, polidores, pedras-com-covinhas (quebra-cocos), percutores, lâminas de machado, mãos-de-pilão, bolas de boleadeira e zoolito. É um material lítico compartilhado com outras áreas de cerritos semelhantes (Figura 33).

Alisadores: A descrição baseia-se sobre o material da pesquisa. Pequenos blocos ou seixos com faces alisadas. Alguns apresentam marcas de percussão, covinhas, manchas de corante vermelho. Todos estão quebrados. – Matéria-prima: granito, quartzo. – Função presumida: alisar, amoldar.

Polidores: A descrição baseia-se sobre as coleções. Também existem algumas peças em nossa pesquisa, que estão indicadas na tabela 1 e caracterizadas na tabela 2.

Blocos ou fragmentos de rocha, de granulação grossa, com uma ou duas superfícies gastas, ligeiramente côncavas. As peças apresentam concavidades numa face (todas) ou em duas (11,11%), que cobrem a maior parte da face. As dimensões das peças variam de 7 a 25 cm de comprimento, 7 a 22 cm de largura e 3,5 a 11 cm de espessura. A proporção entre largura e comprimento costuma estar entre 2:4 e 3:4. As depressões vão de 5 a 15 cm de comprimento, 4 a 10 cm de largura e 0,1 a 2,4 cm de profundidade, apresentando proporção semelhante à que se encontra na própria peça.

Podem apresentar 1 a 3 covinhas na face superior, na inferior (22,22%), ou na borda (11,11%) e sinais de uso como percutores.

Matéria-prima sobre uma representação de 72 peças das coleções: quartzo (33,33%), rocha ígnea (30,55%), quartzo (12,50%), diorito (8,33%), granito (8,33%), arenito (2,77%), diabásio (2,77%), basalto (1,38%). Nas coleções existem ao todo 78 peças, das quais 58 na coleção Donato e 20 na coleção Martino.

A procedência indicada: Hermenegildo (35,89%), Arroito (25,64%), Estância dos Anjos (7,69%), Geribatu (3,84%), Provedores (2,56%), Barra do Chui (2,56%), Passo da Lagoa (1,28%), Sucessão Salies (1,28%), sem indicação (19,23%).

Função presumida: moer, esmagar, lastrar para esmagar sementes.

Percutores: Seixos, ou pequenos blocos rochosos que apresentam sinais de batidas. – Matéria-prima: granito, quartzito. – Dimensões: comprimento de 5,20 a 14,30 cm, largura de 5 a 12,80 cm, espessura de 2,60 a 6,70 cm. – Função presumida: esmagar, quebrar.

Pedras-com-covinhas: Pequenos blocos irregulares, muitas vezes preparados, com faces planas, polidas, ou então corticais. Apresentam pequenas depressões polidas (76,47%), ou picoteadas (23,53%) na face 1; algumas também na face 2; algumas ainda nos lados. As bordas, mais raramente as faces, foram usadas como percutores.

Dos 43 casos, das coleções em que se discriminou a matéria-prima, 67,44% são de quartzito, 30,23% de rocha ígnea e 2,32% de quartzo.

Dimensões das peças: comprimento de 5 a 18 cm, largura de 4,5 a 9 cm, espessura de 2,5 a 7,5 cm.

Dimensões das covinhas: comprimento de 0,7 a 2,5 cm, largura de 0,7 a 2,0 cm, profundidade de 0,1 a 1,0 cm.

Função presumida: suporte para esmagar caroços duros de sementes; talvez tratamento de peles.

Lâminas de machado: Existem 8 peças na coleção Martino, 1 na coleção Donato e 2 que foram doadas por ocasião da pesquisa (RS-173). Das 11, 9 têm gargalo para encabar (uma peça até dois), 2 não tem. Os dados correspondentes a cada uma podem ser vistos na tabela. São artefatos pouco freqüentes nesta área que tem poucos matos. Os que foram doados provêm de um dos poucos sítios que está em área de mato, junto à lagoa Mirim.

Mão-de-pilão: Peça cilíndrica de diorito, de 15,50 cm de comprimento, 5,00 cm de diâmetro, bem polida, com cinco covinhas, sendo 1 em cada face, aproximadamente na metade longitudinal, uma na extremidade transversal.

As covinhas têm entre 1,2 e 1,5 cm de comprimento por 1,2 a 1,5 cm de largura e 0,3 a 0,5 cm de profundidade. – Função: esmagar?

Bolas de boleadeira. São conhecidas historicamente como peças de uma arma composta por 3 bolas, amarradas por uma tira de couro, de comprimento variável e utilizada para caçar e lutar, podendo servir para atingir a presa à distância, enroscando-se nos membros ou pescoço da mesma, ou para atingir de perto ferindo ou abatendo.

Segundo Alberto Rex González (1953), para um tiro de bolas o indivíduo calcula a distância e, de acordo com ela, gira a arma no ar ao redor da cabeça e a projeta em direção da presa.

Rex González classifica as bolas de acordo com a forma e a apresentação do sulco. Posteriormente Schmitz et al. (1971) criaram novos subtipos que não existiam na classificação de Rex González.

Normalmente são produzidas por picoteamento, raramente por polimento. Na medição usamos como diâmetro A o que vai de polo a polo ou eixo de revolução, B e C os diâmetros equatoriais diametralmente opostos.

No material analisado, que provém maiormente das coleções antes mencionadas, foram encontrados os seguintes tipos:

Tipo A: Lisas e sem sulco.

Subtipo Aa: Lisas, sem sulco, esféricas. São 23 exemplares, onde o diâmetro varia de 40 a 66 mm, predominando de 50 a 60 mm. Somente uma é proveniente de nosso trabalho de campo; as demais são de coleções particulares, nas quais não todas as medidas foram realizadas. A proveniente de nossa pesquisa possui diâmetro A=6,60 cm, B=6,30 cm e C=5,60 cm; é de rocha vulcânica e apresenta marcas de batida.

Subtipo Ad2: Lisa, sem sulco, ovóide, sólido de revolução. São 6 exemplares provenientes das coleções. O diâmetro A varia de 3,90 a 6,20 cm, o B de 3,50 a 6,80 cm e o C de 3,40 a 6,00 cm. Faltam as demais informações.

Subtipo Ae: Lisa, sem sulco, sólido de revolução, no qual o eixo de revolução é o diâmetro maior. São 2 exemplares, ambos de rocha vulcânica e com marcas de batida.

Tipo B: Providas de sulco.

Subtipo Ba: Providas de sulco, esféricas. São 10 exemplares das coleções. Só temos as medidas do diâmetro A, que varia de 35 a 60 mm. A largura do sulco varia de 3 a 9 mm e a profundidade de 0,5 a 3 mm.

Subtipo Bbi: Providas de sulco e com três diâmetros diferentes, dos quais o A é o maior. O sulco se encontra no plano que contém o eixo maior (A). Existe 1 exemplar de rocha vulcânica e 1 de granito. O primeiro exemplar possui 55 mm de diâmetro A, 40 mm de diâmetro B e 45 mm de diâmetro C. O sulco tem 5 mm de largura e 2 mm de profundidade. Pesa 170 g e apresenta depressão em uma das faces. O segundo exemplar possui 38 mm de diâmetro A, 52 mm de diâmetro B e 55 mm de diâmetro C. O sulco mede 7 mm de largura e 1 mm de profundidade. Pesa 170 g e apresenta depressão em duas faces, uma face alisada e manchas de corante vermelho.

Subtipo Bf: Provida de sulco, forma de limão, com os polos bem definidos e o sulco no plano que contém o eixo maior (A). Neste subtipo foi classificada a maior parte das peças: 90 de um total de 198. Este resultado coincide com o de Rex González sobre a dispersão dos tipos de bolas de boleadeira, onde o Bf se encontra em todo o território do Uruguay, nordeste da Argentina e sul do Rio Grande do Sul.

Dos 90 exemplares, 81 são das coleções; por esta razão temos uma análise mais detalhada somente de 9 exemplares. Destes, 4 são de rocha vulcânica, 2 de rocha sedimentar, 1 de galena, 1 de granito e 1 de quartzito. O diâmetro A varia de 54 a 85 mm, o B de 41 a 53 mm e o C de 40 a 59 mm. O peso varia de 170 a 440 g e o volume de 70 a 185 ml. A largura do sulco vai de 3 a 10 mm e a profundidade de 0,5 a 3,5 mm.

Subtipo Bh: Provida de sulco e forma de pera. O diâmetro que contém o plano do sulco é geralmente maior que o B (transversal) e o C é maior que o B. Foram estudadas 66 peças deste subtipo, sendo apenas 3 oriundas de nossas pesquisas. Destes exemplares, 2 são de rocha vulcânica e 1 de granito. Pesam 50 g, 270 g e 300 g.

As peças das coleções possuem diâmetro A que varia de 33 a 73 mm, B de 24 a 61 mm, C de 25 a 56 mm. A largura do sulco varia de 3 a 12 mm e a profundidade de 0,5 a 3,5 mm.

Tipo D:

São as bolas com protuberâncias. As pontas podem ser simétricas ou assimétricas; geralmente são providas de sulco de amarração. Foram estudados 2 exemplares das coleções, sendo um com 9 pontas e o outro com número indeterminado.

Zoolito: Junto ao arroio Chuí foi encontrado um zoolito quebrado, representando uma ave estilizada. Matéria-prima: diorito (?). Tamanho: 26 x 14,50 x 3 cm. Profundidade da depressão na face 1: 1,60 cm. Na outra face há uma depressão mais rasa: 0,50 cm. Peça muito bem acabada.

Todos os materiais descritos fazem parte da cultura representada nos cerritos, excetuando-se as pontas de projétil e os materiais resultantes de sua produção, que podem ter sofrido alguma modificação para uso expedido.

A indústria lítica dos aterros não parece ter sofrido modificações fundamentais com a introdução da cerâmica.

Mas os sítios considerados coloniais mostram uma indústria lítica bastante diferente. Neles também aparece cerâmica Tupiguarani e louça. Até o espaço escolhido muda: um dos sítios coloniais está junto à praia da lagoa Mirim e o outro sobre barranca do arroio Chuí, perto da desembocadura do mesmo no Oceano.

O ESTUDO DA ALIMENTAÇÃO²

Analisando os restos faunísticos recuperados nos diferentes sítios arqueológicos de Santa Vitória do Palmar observa-se que a população indígena estudada, possuía na atividade de caça um importante meio de obter alimento, no caso, a proteína animal. Esta atividade, como sugerem os resultados do estudo, exercia-se com maior pressão aos mamíferos, tanto aos de certo porte como veados, como também aos animais menores, entre os quais o tatu, o graxaim, o ratão-do-banhado, a preá etc. Aves e répteis também eram caçados, mas de acordo com os vestígios analisados, menos intensamente em relação ao grupo dos mamíferos, especialmente aos veados.

O material arqueológico em questão, apresentou-se, de maneira geral, bastante fragmentado. Uma parcela significativa do número total de peças registradas está representada por fragmentos ou lascas da diáfise de ossos longos de mamíferos, ou seja, ulna, rádio, fêmur, tibia, metacarpo e metatarso, os dois últimos de cervídeos. Ossos queimados ou chamuscados foram constatados com certa frequência. Em alguns casos, aparecem fragmentos com marcas de corte, provavelmente em decorrência do descarte do respectivo animal. Artefatos ósseos aparecem em forma de pontas, fragmentadas ou não, provavelmente utilizadas em flechas. Além das pontas, aparecem dois fragmentos (parte da diáfise de ossos longos) que apresentam perfurações produzidas de forma intencional (Figura 34).

Com relação aos animais caçados (tabelas 4, 5), destaca-se o veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*) pela maior quantidade de fragmentos e indivíduos constatados. Num dos cerritos estudados, um sítio localizado na Fazenda Proveedores, esta espécie representa 63,60% do número mínimo (NMI) total de animais registrados. O veado-campeiro, outrora abundante em todo o Rio Grande do Sul (Rambo, 1994), hoje é uma espécie em vias de extinção e já desapareceu da maior parte dos campos gaúchos (Silva, 1984). Supõe-se que os campos da planície costeira do sul do Brasil tenham sido intensamente habitados por este cervídeo e desta forma, na área onde se implantaram os acampamentos, eram muito utilizados pelos indígenas como alimento.

Além da carne, as populações destes cerritos utilizavam-se também dos ossos de *Ozotoceros* para a produção de artefatos, como, por exemplo, pontas. Entre os artefatos registrados constatou-se uma ponta de aproximadamente 12 cm de comprimento, confeccionada em osso (metatarso) obtido da pata traseira deste veado (Figura 34 i).

Como foi mencionado anteriormente, é verificada uma intensa quantidade de fragmentos ou lascas de ossos longos (membros) entre os restos examinados e isto pode estar relacionado com a quebra de natureza antrópica dos respecti-

2 - André Osório Rosa escreveu este capítulo.

vos ossos, em decorrência dos seguintes motivos: utilização do tutano como alimento, e produção de artefatos.

O cervo-do-pantanal (*Blastoceros dichotomus*) também figura entre os restos de animais. Provavelmente menos abundante em relação ao veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*) nesta região, o maior cervídeo sul-americano devia ser capturado próximo aos locais de banhados e várzeas da planície. Atualmente, encontra-se extinto nesta área, como na maior parte do Rio Grande do Sul.

Outros animais constatados entre os restos faunísticos são o gambá (*Didelphis* sp), o tatu (*Euphractus sexcinctus*) e o graxaim (*Dusicon gymnocercus*), ainda hoje comuns nos campos e remanescentes de matas da região.

Registraram-se, ainda, no material arqueológico, restos de preá (*Cavia* sp), ratão-do-banhado (*Myocastor coypus*), marrecão (*Netta peposaca*) e jacaré (*Caiman latirostris*), animais que ainda se encontram presentes nos ambientes e lagoas locais.

Alguns fragmentos de peixe encontrados, ainda que pouco representativos quantitativamente, indicam também uma atividade de pesca dos indígenas. A impossibilidade de identificação taxonômica destes fragmentos não permitiu determinar em que ambiente esta pesca se realizava (mar, lagoa, banhados etc). A presença de ossos de miraguaia (*Pogonias cromis*) no sítio RS-158 levanta esta dúvida.

Salienta-se que, apesar da proximidade do mar, não houve a presença de molucos marinhos nos sítios estudados; este recurso foi bastante utilizado por outras populações pré-históricas que ocuparam a planície litorânea brasileira. Se os moradores dos cerritos também o utilizaram, mas sem trazer as conchas para o lugar da residência, é uma questão sem dados.

De acordo com a avaliação acima, percebe-se que a população destes cerritos era basicamente caçadora, ainda que praticasse a pesca em menor escala. O veado-campeiro, supostamente abundante na época da ocupação, era um elemento importante em relação aos recursos que a área oferecia, obtendo-se dele a carne, os ossos e ainda, possivelmente, a pele.

Um recurso que deveria ser abundante, às vezes na proximidade dos cerritos, são os butiás, mas dos quais não foram recuperados restos.

Tabela 04 – Restos faunísticos dos sítios estudados

Sítio	Animais Identificados	NTF	NMI	NOEQ	OM
RS-158	Graxaim	1	1	–	–
	Veado-campeiro	23	1	–	–
	Preá	2	1	–	–
	Peixe	4	1	–	–
RS-177	Tatu-peludo	3	1	–	–
	Graxaim	1	1	–	–
	Cervo-do-Pantanal	2	1	–	–
	Veado-campeiro	20	2	3	1
	Roedor não determ.	1	1	–	–
	Peixe	5	1	–	–
RS-160	Veado-campeiro	1	1	–	–
	Preá	1	1	–	–
	Ratão-do-banhado	5	1	–	–
RS-161	Tatu	2	1	–	–
	Graxaim	1	1	1	–
	Cervo-do-Pantanal	2	1	–	–
	Veado-campeiro	29	2	4	–
	Preá	4	1	1	–
	Peixe	4	1	–	–
RS-170	Gambá	3	1	–	–
	Graxaim	4	2	–	–
	Cervo-do-Pantanal	7	1	2	–
	Veado-campeiro	159	9	20	1
	Rato-do-mato	1	1	1	–
	Preá	3	1	–	–
	Ratão-do-banhado	2	1	–	–
	Marrecão	1	1	1	–
	Tatu	2	1	–	–
	Jacaré	1	1	–	–
	Peixe	2	1	–	–
TOTAL		294	41	39	2

NTF: Número Total de Fragmentos

NMI: Número Mínimo de Indivíduos

NOEQ: Número de Ossos com evidência de Queima

OM: Ossos Modificados (trabalhados)

Tabela 05 – Classes de animais representadas nos restos faunísticos

Sítio	Classe	NTF	NMI	NOEQ	OM
RS-158	Mammalia	170	3	45	–
	Osteichthyes	4	1	–	–
RS-177	Mammalia	134	7	65	1
	Osteichthyes	5	1	–	–
RS-160	Mammalia	53	3	46	–
RS-161	Mammalia	371	6	110	–
	Osteichthyes	4	1	–	–
RS-163	Mammalia	2	1	1	–
RS-170	Mammalia	1003	17	240	1
	Aves	3	1	1	–
	Reptilia	1	1	–	–
	Osteichthyes	1	1	–	–
TOTAL		1751	42	508	2

NTF: Número Total de Fragmentos

NMI: Número Mínimo de Indivíduos

NOEQ: Número de Ossos com evidência de Queima

OM: Ossos Modificados (trabalhados)

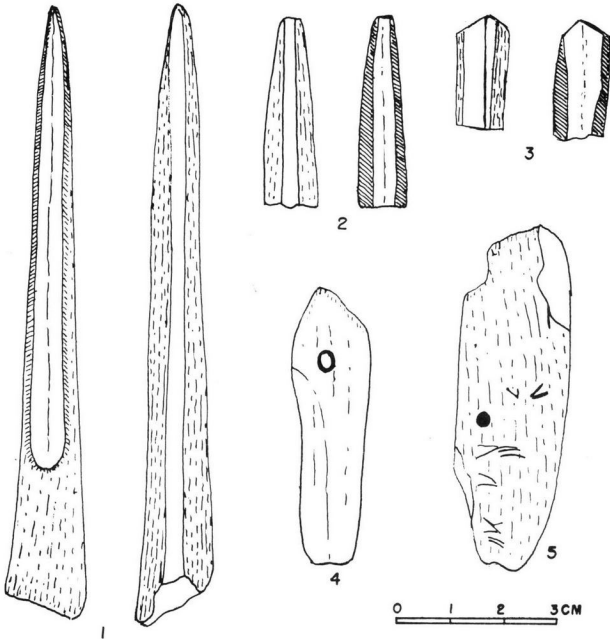


Figura 34 – Artefatos produzidos em osso: 1. Ponta em metatarso de veado (*Ozotoceros bezoarticus*). RS-170 A, cerrito 1, quadricula 3, 20-30 cm prof. – 2. Ponta em metatarso de veado (*Ozotoceros bezoarticus*). RS-170 A, cerrito 1, quadricula 1, 50-70 cm prof. – 3. Ponta (quebrada) de metatarso de veado (provavelmente *Ozotoceros bezoarticus*), RS-170 A, cerrito 1, quadricula 4, 10-30 cm prof. – 4. Osso de veado (provavelmente *O. bezoarticus* perfurado), RS-170 A, cerrito 1, 10-30 cm prof. – 5. Osso com perfuração incompleta, RS-177, quadricula 2, 10-30 cm prof.

CONCLUSÃO

Estudamos sítios de pequenas elevações em áreas de campos baixos com lagoas, banhados e arroios, sujeitos a inundações prolongadas por causa da pouca declividade e permeabilidade do terreno.

Os sítios encontram-se ao longo dos principais arroios, onde, além da disponibilidade de água corrente, deveria haver maior abundância de caça. Os pequenos peixes de água-doce não parecem ter tido a mesma importância.

A posição dos sítios, perto da água, mas na proximidade de terrenos mais elevados e não dentro de banhados fundos, indica que se trata de populações pedestres, que procuram a proximidade dos arroios, onde os recursos deveriam ser mais abundantes. São praticamente inexistentes os sítios ao longo da lagoa Mirim e da lagoa Mangueira. Sobre a costa do Oceano também são raros e não definidos. O pouco aparecimento de peixes poderia ser usado como argumento, se tivesse havido uma recuperação mais completa dos vestígios de alimentação. Também não temos referências a sítios dentro dos palmares.

Os restos de alimentos, nos quais predominam absolutamente animais terrestres de tamanho médio e pequeno, indicam o objetivo principal do local do acampamento: a caça, que seria mais abundante dentro dos banhados e junto às áreas alagadiças. Bracco (1993), ao estudar paleodietas de sítios do Uruguai, observa que os elementos são predominantemente nativos e terrestres.

O instrumental preservado, consistindo principalmente de bolas de boleadeira (como arma de caça) e alisadores, moedores, polidores e quebra-coquinhos, sugere associação de caça com coleta vegetal. Para esta é preciso lembrar, especialmente, o grande palmar e outros agrupamentos de palmeiras nas áreas não alagáveis do território. Que instrumentos seriam produzidos a partir do retalhamento dos pequenos nódulos e blocos de quartzo e outras matérias-primas de qualidade inferior, do qual sobram lascas, núcleos e fragmentos pouco característicos, não dá para saber porque faltam completamente as pontas de projétil e outros artefatos retocados, que poderiam, hipoteticamente, ser o objetivo desse retalhamento.

A ocupação da área corresponde a um período sem e a outro com cerâmica, denominados fase Chuí e Cerritos, respectivamente (Schmitz, 1976). Entre os sítios mais intensamente trabalhados podemos separar aqueles que são pré-cerâmicos (eles estão principalmente nos campos de Alberto Talayer, RS-158) de outros que são cerâmicos (como RS-159 sobre o arroio Chuí e 170 A sobre o arroio Provedores). A diferença sugere que os sítios de Santa Vitória do Palmar representam, não um momento no tempo e no espaço, mas um período mais longo de ocupação.

Também existem sítios coloniais, em que, além dos elementos indígenas locais, como bolas de boleadeira, polidores, quebra-coquinhos e cerâmica Vieira, estão presentes pontas-de-projétil e lascas retocadas, mais cerâmica Tupiguarani; além dos sítios RS-162 e 190, talvez sítios litorâneos em Hermenegildo e

Maravilhas. Os materiais desses sítios foram vistos especialmente nas coleções de Emídio P. Martino e Mário e Sara Donato. Não é preciso supor que nestes assentamentos tenhamos uma evolução linear dos grupos locais anteriores porque a instalação portuguesa na área, além de manter contatos intermitentes com as populações indígenas presentes, pode ter trazido índios de outras áreas de colonização portuguesa do Brasil para reforçar o domínio da região.

Como não existem datações de C¹⁴, somos obrigados a especular sobre a idade dos sítios, usando datações de áreas vizinhas, dos pesquisadores uruguaios e de pesquisadores de Rio Grande, RS. Especialmente no Uruguai, onde a pesquisa dos cerritos é intensa e sistemática (para um resumo sobre a área próxima pode-se ver López, 1995), se percebe uma ocupação continuada, que se estende ao menos desde meados do quarto milênio a.C. (Bracco, com. por ocasião do IX Congreso Nacional de Arqueología Uruguay, Colonia, 1997) e que numa grande quantidade de sítios deve continuar até ao menos a conquista pelos europeus. Em Rio Grande as datas para os sítios pré-cerâmicos começam em meados do primeiro milênio a.C.; a cerâmica inicia no começo de nossa era e se estende, ao menos, até a implantação do forte de Jesus, Maria e José, que dá origem à cidade de Rio Grande.

O conjunto dos cerritos do Uruguai e do Rio Grande do Sul parece pertencer a uma mesma ocupação, de populações semelhantes, com um modo de vida e um território partilhados. Os sítios de Santa Vitória do Palmar são uma parte desta ocupação e não podem ser entendidos fora desse todo.

O fato de os sítios se comporem, geralmente, de vários cerritos poderia, a priori, ter duas explicações: ou se trataria de aldeias ou acampamentos, onde os diversos cerritos representam ocupações simultâneas de famílias ou grupos familiares, ou se trataria de ocupações sucessivas, onde diversos cerritos não representariam assentamentos de parcelas diferentes da população, mas ocupações sucessivas. Também é possível unir as duas explicações, pensando os vários cerritos de um sítio e os sítios vizinhos como ocupações sucessivas de bandos ou tribos de caçadores, onde diferentes grupos familiares se estabelecem em espaços discretos dentro de um acampamento coletivo. Talvez a realidade se aproxime mais deste modelo. Também é possível que a ocupação dos cerritos tenha mudado através do tempo. As datas de C¹⁴ do Uruguai, apesar de já numerosas (Bracco & Ures, 1997), ainda são insuficientes para definir esta questão.

Os cerritos mais baixos de Santa Vitória do Palmar, pelo fato de terem os elementos biológicos mais bem preservados, terem mais sepulturas e maior quantidade de cerâmica, às vezes ainda agregada reunindo os fragmentos de um mesmo recipiente, parecem os mais novos dentro do conjunto. Mas a relação cronológica entre os diversos cerritos de um mesmo sítio e entre os sítios da área está por fazer. Menos ainda sabemos da relação entre os sítios de cronologias diferentes e a posição dos sítios de Santa Vitória do Palmar dentro da área ocupada por cerritos no Rio Grande do Sul e no Uruguai.

Os sítios não apresentam estruturas que visualizem a forma do estabelecimento: não se percebem restos de choupanas, nem fogões permanentes. O lixo, com exceção talvez dos cerritos mais baixos, parece estar espalhado aleatoriamente pelo espaço, numa matriz terrosa. Com exceção dos cerritos menores e mais baixos, também quase inexistem sepultamentos, o que poderia sugerir que o sepultamento em cerritos seria um fenômeno tardio.

A provável inexistência de sepultamentos em alguns cerritos estudados, a distribuição aleatória do lixo, a multiplicidade dos cerritos e sua implantação no terreno sugerem que se trata de sítios de moradia, não de monumentos funerários, fortalezas ou marcadores de limites.

De acordo com datações realizadas em cerritos do Uruguary (Bracco & Ures, 1997; Femenias, Sans & Portas, 1995), um cerrito não é a construção de um momento único, mas o resultado de empreendimentos múltiplos, descontínuos, através de séculos. Isto lhes tira o caráter de monumento funerário, construído e explicitamente para o enterro dos mortos. Existem cerritos com sepultamentos, os quais geralmente são tardios no desenvolvimento da cultura da área. Em Santa Vitória do Palmar os sepultamentos estão claramente ligados às ocupações que parecem mais recentes.

Nesta área de pesquisa os sepultamentos são poucos e de adultos. Existem primários no sítio RS 170 A, talvez secundários nos sítios 158 e 177. No Uruguary se recuperaram, juntos, sepultamentos primários e secundários (Femenias e outros, 1990; Femenias, Sans & Portas, 1995), fato que deu origem a uma inferência de status adquirido na população igualitária dos construtores, e a uma hipótese de maior investimento de energia no caso dos segundos em consequência do status adquirido. Nossa visão é diferente: interpretamos os primários como mortos no local ou proximidade do local, onde foram enterrados de corpo inteiro; os secundários verdadeiros (não os perturbados por sepultamentos sucessivos), por terem morrido em acampamento mais afastado, teriam sido transportados, já decompostos e desarticulados, para o jazigo da família, do clã ou do bando. Uma interpretação mais complexa foi realizada por Schmitz (1995/1996) para um sítio com ainda maior variação de sepultamentos no litoral meridional de Santa Catarina, onde sepultamentos primários, secundários e secundários cremados são coetâneos.

Se os cerritos não são basicamente monumentos funerários, não se originaram exclusivamente do acúmulo natural e dos detritos de ocupação, mas se afirmam claramente como resultado de atividade intencional do homem, eles podem receber numerosas outras interpretações de razão prática ou simbólica. Como razão prática podemos mencionar a preparação de um espaço mais seco em áreas muito úmidas onde o transbordamento dos arroios e banhados tornaria inviável um acampamento mais demorado; em tempo de chuvas, em qualquer estação em que o trânsito na área se torna inviável, a elevação por porcina pequenos espaços consolidados, transitáveis e aptos a suportar as choupanas, na proximidade dos recursos necessários à sobrevivência. As razões simbólicas podem ser muitas, desde manifestação de estruturas de posição, hierarquia ou

poder, até o imaginário ligado à paisagem e à organização de parentesco. Estas razões podem ser aplicadas tanto aos sítios que se encontram nas baixadas, quanto aos dos terrenos elevados dezenas ou até mais de uma centena de metros sobre o nível do mar.

Existe ainda a pergunta se os sítios de Santa Vitória do Palmar são de ocupação permanente ou estacional e qual a estação. Nada nos sítios individuais nos obriga a aceitar uma ocupação anual. A uniformidade dos recursos nos diferentes locais da área não convidaria para isso. O inverno, quando as águas cobriam os campos onde se implantam os sítios, teria poucos recursos e o ambiente alagado não seria convidativo para populações pedestres. O verão, pelo contrário, com os campos reverdecidos, atrairia com seus recursos e seu clima agradável.

Finalmente, a multiplicação dos sítios num pequeno espaço não prova que a população tenha sido numerosa. É inimaginável que os sítios tenham sido ocupados simultaneamente. Os recursos se teriam esgotado muito rapidamente. O modelo que pensamos é que periodicamente se ocupariam alguns desses sítios. Com isso a reserva de caça, composta predominantemente por animais de reprodução lenta, se poderia manter em nível de exploração sustentável.

Em nosso modelo não restringimos o movimento oscilatório da população exclusivamente ao espaço de nossa pesquisa. Sítios do mesmo tipo encontram-se espalhados em grandes superfícies do Rio Grande do Sul e do Uruguai, abrangendo terras baixas na proximidade de lagoas, banhados e pequenos rios e em terrenos elevados até mais de cem metros sobre o nível do mar. A população poderia alternar seu acampamento entre vários departamentos do Uruguai, como Rocha (como um resumo pode-se ver López, 1995), Treinta y Tres (Prieto et al., 1970), as nascentes do Rio Negro (Santos, 1965), o Departamento de Tacuarembó (López e outros, 1997) para citar algumas áreas com trabalhos recentes; no Rio Grande do Sul o vale do rio Jaguarão (Copé, 1985), o do rio Santa Maria, afluente do Ibicuí (Miller, 1969), o vale do rio Vacacaí Mirim (Brochado, 1969), o vale do rio Pardo (Mentz Ribeiro, 1983) ou mesmo a margem da lagoa dos Patos, em Rio Grande (Schmitz, 1976) ou Camaquã (Rüthschilling, 1989 e 1992; Brochado, 1974) poderiam ser áreas opcionais de um sistema de circulação. A cronologia e a cultura, nesses lugares, é muito parecida com as de Santa Vitória do Palmar.

A partir do conhecimento de populações caçadoras semelhantes, também temos de manter aberta a possibilidade de que não necessariamente o grupo todo (bando ou tribo) migraria maciçamente, em cada temporada, para o mesmo lugar.

Como a pesquisa teve de ser interrompida, extemporaneamente, não podemos avançar mais sem um trabalho complementar considerável, que ainda não está agendado.

Por esta razão também não insistimos em comparações mais detalhadas com as numerosas outras áreas em que cerritos semelhantes foram estudados.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- BRACCO, Roberto. Paleodietas en Cuenca de la Laguna Merín: C¹³. Comunicação à VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira. João Pessoa, 1993.
- _____ & URES PANTAZI, Cristina. Ritmos y Dinámica Constructiva de las Estructuras Monticulares. Sector Sur de la Cuenca de la L. Merín, Uruguay. Comunicação apresentada no IX Congresso Nacional de Arqueología Uruguaya, Colonia, 1997.
- BROCHADO, José Proenza. Pesquisas Arqueológicas nos Vales do Ijuí e Jacuí. *Publicações Avulsas Mu. Pa. Emílio Goeldi* 13:31-62. Belém, 1969.
- _____. Pesquisas Arqueológicas no Escudo Cristalino do Rio Grande do Sul (Serra do Sudeste). *Publicações Avulsas do Mu. Pa. Emílio Goeldi* 26: 25-52. Belém, 1974.
- COPÉ, Sílvia M. *Aspectos da Ocupação Pré-colonial no Vale do Rio Jaguarão, RS*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1985. (Dissertação de Mestrado)
- FEMENIAS, Jorge e outros. Tipos de Enterramientos en Estructuras Monticulares ("Cerritos") en la Región de la Cuenca de la Laguna Merín (R.O.U). *Revista do CEPA* vol. 17, número 20:345-356, Santa Cruz do Sul, 1990.
- _____, SANS, Mónica & PORTAS, Mónica. Enterramientos Humanos en el Montículo CH2D01, Departamento de Rocha, Uruguay. *Anais da VIII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, vol.1:503-518. Porto Alegre, 1995.
- GIRELLI, Maribel. *Prospecções Arqueológicas nos Cerritos de Santa Vitória do Palmar. Relatório Final*. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, 1995.
- GONZALEZ, Alberto Rex. *La Boleadora*. La Plata, Universidad Nacional Eva Peron, 1953.
- LOPEZ, José María. Aproximación al Territorio de los "Constructores de Cerritos". In: CONSENS, Mario, LOPEZ, J.M. & CURBELO, María del Carmen. *Arqueología en el Uruguay*, p. 65-78. Montevideo, 1995.
- MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. Sítios Arqueológicos numa Micro-região da Area Alagadiça na Depressão Central do Rio Grande do Sul – Brasil. *Revista do CEPA* 10(12):3-121. Santa Cruz do Sul, 1983.
- MILLER, Eurico Th. Pesquisas Arqueológicas Efetuadas no Oeste do Rio Grande do Sul (Campanha-Missões). *Publicações Avulsas Mu. Pa. Emílio Goeldi* 13:13-21. Belém, 1969.

- PRIETO, Oscar e outros. *Informe Preliminar sobre Investigaciones Arqueológicas en el Departamento Treinta y Tres, R. O. Uruguay*. Publicações Avulsas 1. São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas/UNISINOS, 1970.
- RAMBO, Balduino. *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo, UNISINOS, 1994.
- RÜTHSCHILLING, Ana L. Bitencourt. Pesquisas Arqueológicas no Baixo Rio Camaquã. *Arqueologia do Rio Grande do Sul. Documentos* 03. São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas, 1989.
- _____. Reconstituição do Paleoambiente da Região do Banhado do Colégio, Camaquã, RS. Porto Alegre, UFRGS, 1992. (Dissertação de Mestrado).
- SANTOS, Osmar. Primer Mapa Arqueológico del Depto. de Rivera. *Boletín del Centro de Arqueología*. Rivera, 1965.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. *Sítios de Pesca Lacustre em Rio Grande, RS, Brasil*. São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas/UNISINOS, 1976.
- _____. Acampamentos Litorâneos em Içara, SC. Um Exercício em Padrão de Assentamento. *CLIO, Série Arqueológica*, vol. 1, nº 11:99-118. Recife, 1995/1996.
- _____. (Coord.). Arqueologia no Rio Grande do Sul. *Pesquisas, Antropologia* 16:1-58. São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas/UNISINOS.
- _____, BASILE BECKER, Itala, BAUMHARDT, Gastão & BROCHADO, José Proenza. Bolas de Boleadeira no Rio Grande do Sul. In: *O Homem Antigo na América*. São Paulo: Instituto de Pré-História, 1971, p. 53-68.
- _____ & BAEZA, Jorge. Santa Victoria do Palmar: una Tentativa de Evolución del Ambiente en el Aº Chuy y su Vinculación al Problema de los Cerritos. *VII Congreso Nacional de Arqueología*. Colonia del Sacramento, 1982, p.112-127.
- _____, NAUE, Guilherme & BASILE BECKER, Itala. Os Aterros nos Campos do Sul: a Tradição Vieira. In: Schmitz, P.I. (ed.). *Pré-história do Rio Grande do Sul*. São Leopoldo, Instituto Anchietao de Pesquisas/UNISINOS, 1991, p. 107-132.
- SCHORR, Maria Helena A. *Abastecimento Indígena na Area Alagadiça Lacustre de Rio Grande, RS, Brasil*. Sant'Ana do Livramento, Associação Santanense Pró Ensino Superior, Cadernos 1, 1975.
- SILVA, Flávio. *Mamíferos Silvestres do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 1984.
- SOLIANI Júnior, Enio. *Geologia da Região de Santa Vitória do Palmar, RS, e a Posição Estratigráfica dos Fósseis de Mamíferos Pleistocênicos*. Porto Alegre, UFRGS, 1973. (Dissertação de Mestrado).

Composto e Impresso pela Gráfica UNISINOS
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo – RS – Brasil